

REVISTA

VOL. 3 | N. 5 | JUN/2022

# ESTUDOS TRANSVIADES

revista sobre transmasculinidades idealizada por pessoas transmasculinas



**ESTAMOS AQUI**

celebração da vida transmasculina

ESTUDOS  
TRANSVIADES



Descrição de imagem: a capa é composta pelo desenho de uma pessoa transmasculina de cor amarela, com as cicatrizes da mastectomia e os mamilos de cor rosa, em um box. A pessoa está de pé, mijando no ralo do box, e há uma barra preta cobrindo onde estariam seus genitais. Em um de seus braços, há o símbolo da gênero-dissidência (um círculo com uma cruz na base, representando uma suposta feminilidade, e com uma seta com uma barra no meio no canto superior esquerdo, representando a mistura entre a suposta feminilidade e a suposta masculinidade; a outra metade do símbolo, que deveria conter apenas a seta, foi cortada pela edição de imagem). As paredes e o chão do banheiro são rosa e há uma duchinha verde no canto esquerdo. No topo da imagem, há o título Revista Estudos Transviades: revista sobre transmasculinidades idealizada por pessoas transmasculinas, vol. 3, n. 5, jun/2022. Na base da imagem, há a frase Estamos aqui: celebração da vida transmasculina. No canto inferior direito, há o logotipo da revista: um círculo rosa preenchido de azul contendo no centro o nome Estudos Transviades.



A imagem da capa é de autoria de Samuel Bittar.

Todas as edições da Revista Estudos Transviades podem ser encontradas nos seguintes endereços eletrônicos:

[www.revistaestudostransviades.wordpress.com](http://www.revistaestudostransviades.wordpress.com)

<https://independent.academia.edu/RevistaEstudosTransviadesRET>

<https://pt.scribd.com/user/548860674/Revista-Estudos-Transviades-RET>

Informações adicionais podem ser encontradas em nossa página no instagram (@revistaestudostransviades) e recebemos mensagens por instagram e por email (revistaestudostransviades@gmail.com). Qualquer reprodução ou citação dos materiais dispostos nesse número deve estar acompanhada da menção da fonte de(s) autore(us) e da revista.

Para referenciar os materiais dispostos nesse volume, especialmente os artigos acadêmicos, pode-se usar como base o seguinte exemplo:

SAMPAIO, Alexandre Gregório Silva. Ginecologia: um espaço clínico específico para mulheres (?) Impasses e desafios para a saúde ginecológica dos homens trans. Revista Estudos Transviades, v. 1, n. 2, set. 2020. Disponível em: <revistaestudostransviades.wordpress.com/blog-2/>. Acesso em: (data de acesso).



## SUMÁRIO

**Apresentação.....6**

**Editorial.....8**

**Arte de Suzuki.....10**

**O que eu sei sobre mim .....11**

Christopher Santana

**EU-AUTOR: A EXPERIÊNCIA DA DISFORIA DE GÊNERO COMO  
DISSONÂNCIA COGNITIVA.....15**

Samuel Bittar

**Enviadesci.....21**

René Yuri Lemos

**Arte de Salem.....22**

**Aqui, Todo Mundo Tá Morrendo .....23**

Lyan Ayam

**Pinturas de Rafa Rofo .....24**

**SANTO ONOFRE O ERMITRANS.....26**

Blue Mariro



---

<b>Poema de Danillo Pietro Craveiro .....</b>	<b>33</b>
<b>Poema de Julian Angardi.....</b>	<b>35</b>
<b>Resenha do artigo: RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365-373, abril. 2017. ....</b>	<b>37</b>
Jamie Kalil Sousa Miranda	
<b>Imagem: O homem (re)inventado .....</b>	<b>42</b>
Peter Milanez da Silva	
<b>Poema: O homem (re)inventado .....</b>	<b>43</b>
Peter Milanez da Silva	
<b>trajeto de olhos.....</b>	<b>45</b>
Nicolas Bastos	
<b>Artes de Mikael Sol .....</b>	<b>47</b>
<b>O cinema amaldiçoado pelos nossos ancestrais .....</b>	<b>51</b>
Rosa Caldeira	
<b>Artes de Bernardo Guterres .....</b>	<b>56</b>
<b>Poema de Dante Lírio.....</b>	<b>60</b>



---

**Um homem é um vulcão .....62**

Erik Neuburger

**poemas de amor e carnaval .....64**

Felipe de Paula

**Breve histórico das transmasculinidades no Brasil no século XX e início do século XXI.....66**

Leonardo Farias Pessoa Tenório e Luciano Palhano (Luck Yemonja Banke)

**Arte de Nenio .....83**

**Bios.....84**



### **CONSELHO EDITORIAL**

Bruno Latini Pfeil

Cello Latini Pfeil

Nicolas Pustilnick

Nathan Victoriano

Thárcilo Ipá

### **DESIGN E FORMATAÇÃO**

Nicolas Pustilnick

### **COORDENAÇÃO DE MÍDIAS**

Nicolas Pustilnick

### **AGRADECIMENTOS ESPECIAIS**

Samuel Bittar

Mayra Ribeiro



## APRESENTAÇÃO

Com muita felicidade e encantamento pelos materiais presentes, abrimos o terceiro volume da Revista Estudos Transviades com o nosso quinto número! A ideia de criar uma revista sobre transmasculinidades surgiu em 2020, no Rio de Janeiro, a partir de uma reunião entre alguns dos atuais coordenadores, que tinham como foco a formação de um espaço de livre produção de conhecimento sobre gênero e sexualidade, de pessoas trans para pessoas trans. Ao longo do tempo, novas pessoas transmasculinas foram incluídas na coordenação e na equipe do design. Com o quinto número que apresentamos aqui, procuramos tornar públicas novas produções de outres transmasculines, expressando visões complementares e diversas sobre transmasculinidades e questões sociais amplas.

Nossas corpes transmasculines não são legitimades nem reconhecidas. Não há um lugar social transmasculino historicamente constituído. Temos muito pouco sobre o que nos sustentar durante os processos de construção de nossas identidades. O que há sobre as transmasculinidades está sendo majoritariamente construído agora, por nós mesmas, em nossas redes de amizade, em grupos de redes sociais, ao trocarmos nossas experiências. A proposta dessa revista é incentivar um processo de mudança cada vez maior nesse cenário de marginalização e invisibilização. É pensar as potencialidades de corpes transmasculines produzindo vida e novos horizontes de futuro. Pretendemos criar um espaço de acolhimento e visibilidade para as mais variadas produções de corpes transmasculines, de forma a buscar os diversos atravessamentos das transmasculinidades sem imposições academicistas e fora de uma lente patologizante cisnormativa. Almejamos uma liberdade cada vez maior para o diálogo, pela constituição de subjetividades que fiquem marcadas aqui, dispostas para serem conhecidas agora e no futuro.

Após a escolha do nome – Revista Estudos Transviades –, que faz alusão à obra de João W. Nery e aos estudos transviados consolidados no Brasil, criamos um e-mail, um perfil no Google, no Wordpress e no Instagram, onde começamos a fazer postagens convidando pessoas transmasculinas a enviarem suas produções. Hoje, além dessas plataformas, disponibilizamos nossas edições gratuitamente nas plataformas Academia Edu, Scribd, Internet Archive, Z-Library e Issuu. Ficamos muito contentes com a quantidade de produções que recebemos: desde artigos acadêmicos até ensaios





fotográficos sobre temas que não abarcam somente questões dos estudos de gênero e sexualidade, como também questões outras, emocionais e do cotidiano, dentro da vivência de nossos corpos. Nosso objetivo não é organizar uma revista acadêmica, embora entendamos a importância da academia para nossas conquistas. Agrupamos todos os artigos acadêmicos ao final do documento e, ao longo da revista, mesclamos prosas, imagens e poesias; visamos, com isso, uma localização simples dos textos acadêmicos para possíveis citações e referências.

Decidimos utilizar linguagem neutra com “u/e” na Apresentação e no Editorial, assim como em alguns textos – com a permissão dos autoras – que apresentavam linguagem com “x”. Com isso, procuramos tornar essa revista um espaço de inclusão, e não de exclusão de corpos não-binários transmasculinos. Em relação ao critério de seleção dos materiais, aceitamos quaisquer produções, desde que não reproduzam opressões e/ou que não possuam conteúdos que possam ser entendidos como violentos. Não toleramos discriminações, seja por parte dos autoras ou de suas produções. Nossa política em casos de discriminações e violências é a não integração dessas autoras e de suas produções no corpo da revista.

Temos consciência de que as leitoras dessa revista serão diversas, desde homens trans com anos de contato com as transmasculinidades, até pessoas que ainda estão se descobrindo, questionando sua identidade. A decisão de agrupar as biografias ao fim da revista foi pensada a partir da proposta de visibilidade que mencionamos anteriormente: ao lermos as apresentações dos participantes, percebemos como esse projeto conseguiu abarcar diferentes transmasculinidades de diversas regiões do país, em condições distintas, mas que se entrecruzam. Agradecemos imensamente a todas que nos enviaram seus materiais e convidamos cada vez mais pessoas transmasculinas a nos confiar suas produções!

Estamos sempre dispostos a integrar novas ideias para construir um espaço mais diverso e plural das transmasculinidades. Para dúvidas, críticas e sugestões, e também para o envio de novos materiais, procure-nos em nossa conta no Instagram (@revistaestudostransviades), em nosso site no Wordpress (www.revistaestudostransviades.wordpress.com) ou nos contate por email (revistaestudostransviades@gmail.com)!



## EDITORIAL

Abrimos essa edição com uma pintura de Se Suzuki, representando uma pessoa transmasculina em escalas de cinza, que antecede o poema de Christopher Santana - “O que eu sei sobre mim” - sobre a experimentação de seu corpo múltiplo que se refaz. Em seguida, temos o texto de Samuel Bittar, intitulado “Eu-autor: a experiência de disforia de gênero como dissonância cognitiva”, que trata de algumas reflexões sobre disforia de gênero, ao passo que o próximo texto, “Enviadesci” de René Yuri Lemos, nos conta um pouco sobre a desconstrução de uma masculinidade hegemônica e o uso de hormônios.

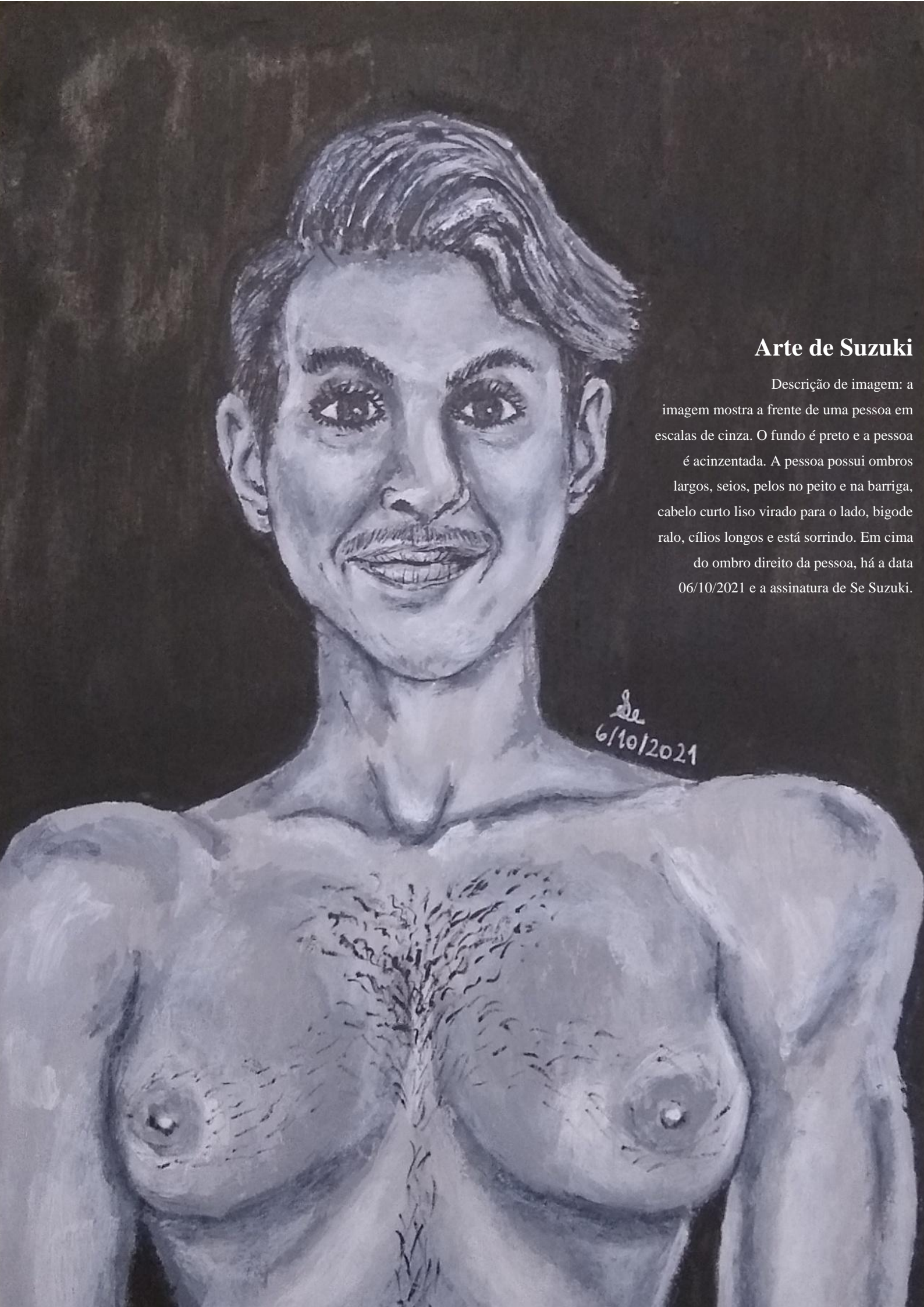
O próximo material é uma colagem digital composta com um poema de Salem, em espanhol, sobre o *devenir queer*, seguido pelo poema “Aqui, Todo Mundo Tá Morrendo” de Lyan Ayam, que trata dos processos de sofrimento contemporâneos. Em sequência, temos as pinturas abstratas de Rafa Rofo e o texto “SANTO ONOFRE O ERMITRANS”, que analisa a narrativa sobre a vida de São Onofre e as discussões em torno da transgeneridade na Antiguidade. Após esse texto, apresentamos dois poemas sem título de Danillo Pietro Craveiro e Julian Angardi, que trata da relação com a figura da mãe e, o outro, processos de violência e marginalização de pessoas trans.

Na ordem dos materiais, seguimos com uma resenha do artigo de Amara Moira, “O cis pelo trans”, feita por Jamie Kalil Sousa Miranda, e a arte de Peter Milanez da Silva que representa uma pessoa transmasculina mastectomizada e com a cirurgia de faloplastia, seguido por um poema seu sobre se ligar com suas ancestralidades e abraçar a si próprio. Temos, então, o poema “trajeto de olhos” de Nicolas Bastos enquanto uma carta aberta às violências da cisgeneridade, e as pinturas de Mikael Sol representando algumas figuras conhecidas.

Após isso, nos deparamos com um texto de Rosa Caldeira em uma narrativa autobiográfica que dialoga com cinema, poesia, periferia e narrativas marginalizadas. Em seguida, as artes de Bernardo Guterres e um poema sem título de Dante Lírio sobre os processos de mercantilização da vida. Após esse material, temos o texto “Um homem é um vulcão” de Erik Neuburger, que articula uma discussão filosófica sobre as noções de ilha e vulcão, e o poema “poemas de amor e carnaval” de Felipe de Paula. Encaminhando para o fim dessa edição, temos o artigo “Breve histórico das transmasculinidades no Brasil no século XX e início do século XXI” de Leonardo Farias Pessoa Tenório e Luciano Palhano, que traça um percurso histórico das



transmasculinidades no Brasil, fechando com a arte de Nenio, intitulada “Transmasculinidades (R)existem!”.



## Arte de Suzuki

Descrição de imagem: a imagem mostra a frente de uma pessoa em escalas de cinza. O fundo é preto e a pessoa é acinzentada. A pessoa possui ombros largos, seios, pelos no peito e na barriga, cabelo curto liso virado para o lado, bigode ralo, cílios longos e está sorrindo. Em cima do ombro direito da pessoa, há a data 06/10/2021 e a assinatura de Se Suzuki.



## O que eu sei sobre mim

*Christopher Santana*

Enquanto eu me desconstruo eu me construo,

Me faço, me crio,

Descubro e invento.

Não sou pouca coisa,

Sou simples, sou muito.

Mais do que você imagina, uma imensidão,

Eu quero te mostrar tudo isso,

Deixa eu te guiar pelo meu corpo, como um mapa do tesouro,

Me conheça, me explore, com a ponta dos seus dedos, entre em mim profundamente,

Deleite-se.

Toque a minha pele com a pele da sua boca,

Siga esse caminho até o fim, faça uma trilha pelas curvas do meu corpo,

Desça até lá embaixo para entrar no paraíso.

Me sinta, me arrepie, me emocione.

Penetre a minha mente, me entenda, me desvende, me descubra.

Assopre em meu ouvido e me faça delirar, sorrir de prazer, gemer de alegria,

Gozar da sua companhia, amar a sua presença, transbordar até me molhar,

Te molhar, te encharcar, com meu sabor.

Te excitar, me excitar.

Me abra e veja o que tem dentro de mim,



Faça minhas pernas tremerem,

Acaricie os meus seios com os seus seios,

Sinta meu calor na sua língua,

E minhas palavras nos seus ouvidos, em sussurros, em segredos, leia os meus pensamentos através do meu olhar,

Ouçã a gargalhada em meu sorriso, me decifre como você sabe, deduza o que você acha, me dê os seus melhores pensamentos, seus doces elogios.

Não sou uma coisa só,

Eu sou feito de muitas coisas,

Eu sou tudo que você enxerga, tudo que você não vê, eu sou novidade, eu sou a expansão, e também sou tudo que você já sabe.

Sou algo mais além disso tudo.

Estou sendo, estou crescendo, existindo, vivendo.

Ouçã as batidas fortes do meu coração, calmas e rítmicas,

Meu sentimento é uma casinha simples e confortável, abrigo na tempestade,

É o lugar que você encontra quando retorna cansado da viagem,

É repouso, é o lar.

Quem me ama sabe disso,

E o que eu sei sobre mim é que sou homem, mas sou bem mais menino,

Tenho sonhos e fantasias,

Sou pé no chão, mas pé descalço,

Sou pé no chão, mas em um chão de nuvens.

Busco um amor e muitas paixões,

Quero o duradouro, aceito o efêmero.



Sou aventura, sou viagem,  
Sou morada, sou destino.  
Eu sou agora o seu abraço, antes eu fui o seu desejo,  
Posso ser o seu prazer e a sua companhia,  
Posso te seduzir, posso te acolher.  
Posso muito, sou muito,  
Me confundo, me perco em mim,  
Então me pergunte uma coisa de cada vez.  
Sem contratos, sem rótulos, sem regras, sem acordos,  
Sem roupas,  
Sinta o meu corpo no seu  
Meu beijo no canto da sua boca,  
Me chupe e sinta o gosto de açúcar,  
Suspiro, tão doce, meio queimado, meio amargo.  
Me lamba, me prove, me experimente, me aprecie,  
Me coma.  
Minha liberdade se entrelaça na sua,  
Você é o meu menino,  
Me conte tudo que eu preciso saber,  
Me deixe te entender,  
Me ensine, me mostre,  
Apenas me olhe, me deixe te ver.  
Iguais, diferentes, parecidos, opostos, semelhantes.



Mesmo corpo, mesmo gênero,

Duas pessoas, dois pensamentos, duas vidas.

Não somos peças que se encaixam em um quebra cabeça,

Mas quem sabe talvez dois ímãs,

Você me magnetiza, me atrai, me puxa.

Sou acolhedor e aberto como a porta da sala.

Você não pertence a mim, mas as minhas lembranças sim,

Como todos os lugares que já fui e tudo que já conheci,

Sempre será assim.

Nada é mais meu do que eu.

Isso é tudo que eu sei sobre mim.





## **EU-AUTOR: A EXPERIÊNCIA DE DISFORIA DE GÊNERO COMO DISSONÂNCIA COGNITIVA**

*Samuel Bittar*



*“a prática, o hábito e a incongruência preso numa espiral de relações”, de Samuel Bittar*

Descrição de imagem: a imagem mostra uma espiral em preto e vermelho.



## Introdução

Tramitar os sentimentos de angústia que o que foi intitulado como “*disforia de gênero*” é um campo de batalha mental absolutamente cansativo. Existem diversos aspectos que podem ser categorizados para conceituar mais afinadamente os percursos desses sofrimentos.

Existem aspectos do âmbito de uma incongruência corpórea que se expressam e promovem afetos e reações de intenções bastante **performáticas**. Os jeitos, os andares, os tipos de linguagem e gírias, tudo isto e muito mais nos faz tornar conscientes de nossas corporalidades e de como elas podem ser percebidas pelo *outro* “imaginário” à nossa frente (ou, às vezes, nem à nossa frente). Para pessoas que percebem-se fazendo escolhas de como se portar e controlar a percepção a fim de evitar violências, ou seja, ansiosas assim como eu, os *símbolos de gênero* atrelados às nossas relações sociais ficam extremamente evidentes.

Existem também aspectos (não dissociados, mas conjuntos) de uma incongruência corpórea que diz sobre a constituição e autopercepção de órgãos, membros, habilidades/possibilidades através da realidade física-corporal, dimensões, características fenotípicas, de desenvolvimento biopsicossocial, dentre muitos outros que são constituições que se **(des)realizam na fisicalidade psíquica**. Estes mais tarde, neste texto, terão um maior cuidado.

## Fazer ser o que é, assim será e não será

O conhecimento de nosso conforto e dos processos de assimilação de quem somos a este mundo nos favorece também uma *com-ciência* de nossas ações. Nos treinamos para traduzir olhares, falas com sentidos ambíguos (...), bem como essa *geração de sentido* na ansiedade promove sentimentos-racionalidades-logicidades que indignificam nossa própria genuinidade/espontaneidade. E é por isto que *a busca pela cispassabilidade* (por óbvios motivos de integração e seguridade ao meio social) tem suas silenciosas formas de perversidade, capaz de modelar junto ao processo de nos conhecermos como sujeitos dissidentes de gênero e sexualidade. Neste momento de experimentação e nomeação de si com a linguagem possível do mundo, experimentamos *o jogo da adequação de forma absolutamente material*. O tempo e a



transição que exige cuidado-atenção com a realidade do outro sobre nós nos faz tornar outra coisa que “buscamos” conscientes e inconscientemente ser. Não à toa, nossas razões se tornam bastante **corporalizadas**, é porque elas realmente são. Acredito que este que é um processo de uma gigantez mentalista/introspectiva, a experiência corpórea nunca fica dissociada desta percepção. O corpo torna-se corpo. Ele se expande sensorialmente, sente espaços que não ocupa, hiper e hiposensibiliza partes que se constituem fisicamente, isto pois existe uma *construtividade que integraliza simbolismo-biologismo-socialidade*.

A corporalidade trans tem como possibilidade de constituição de si uma fisicalidade que, como todas as outras subjetividades, é marcada pelo tempo e pelas mais diversas neuroplasticidades próstéticas e amplificadoras. O sujeito que se depara com uma realidade incongruente com a possibilidade de si está diante desse cenário; o que surge para ser e a consciência insiste em mostrar, não há outro caminho senão explorar esta percepção que floresce, pois, no mais vulgar coaching: aquilo que deixamos mal resolvidos em nós sempre resistirá em aparecer de formas que *podem até mesmo se camuflar em existir para nós mesmos*. Nunca é tarde, sempre é tempo.

### **Construção de saúde mental e contribuições para uma temporalidade (cuir)**

Por muito tempo (relativo ao tempo de desenvolvimento da ciência psiquiátrica-psicológica), os autores que viam na experiência trans um grande objeto de estudo sobre o que há de perverso e perturbado na sexualidade – não à toa pessoas que operam uma lógica de si e do outro não com-ciente cisgênera e que eram incapazes de investigar a própria formação sexual e eroticidade – buscaram adequar a transvestigeneridade a um *espectro psicótico* da interpretação da realidade e de si.

As percepções históricas destes “zeladores da saúde mental” – mesmo que com pacientes/clientes com um discurso bastante conexo, uma linearidade histórica de si e a capacidade de comunicação com outras pessoas – das pessoas transvestigêneres tinham (e ainda têm) seus sofrimentos e processos de adoecimento mental bastante mal compreendidos. Até hoje, nas definições médicas e no que justifica nosso acesso à saúde, estamos adequados a uma lógica de cura, e há de se ter muito cuidado com a formulação de políticas públicas (que são indissociadas da saúde integral) para a nossa



população, pois o jogo da linguagem biomédica está putreficado de *uma percepção corporal específica*, de uma construção imaginária genital e sexualmente performática cisgênera-genitalista. Nossas demandas dessa experiência corpórea são muitas vezes compreendidas vulgarmente categoricamente como procedimentos estéticos; quando, na verdade, se assimilam vivencialmente mais semelhantes ao que é (re)construtivo e de tecnologias que auxiliem um desenvolvimento corporal desejado, ou seja, um desenvolvimento para a saúde amplificada do sujeito.

A população trans é uma população que assistencialmente é bastante negligenciada, mas continuamos a existir, seja por nós ou seja por outra pessoa que nem conhecemos, pois a realidade transvestigênera é uma possibilidade que já se mostrou repetitiva no nosso contexto histórico (assim como fora dele); ela se viabiliza e se faz existente no campo subjetivo.

Com filas de espera gigantescas dos ambulatórios assistenciais, pouca disseminação de conhecimento especializado na categoria profissional médica e inacessibilidade financeira – seja de um acesso diretamente privado ou da filiação de planos de saúde que estão dispostos na luta judicialmente para nos adoecer –, *voltamos à realidade do tempo*.

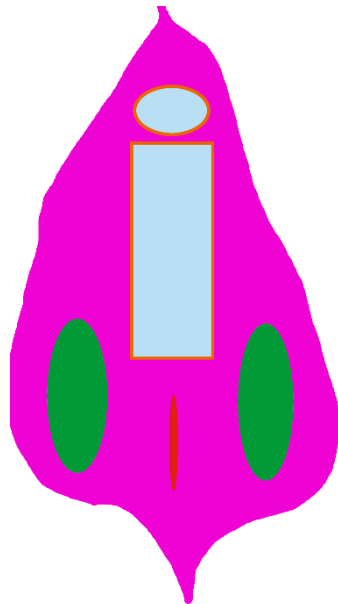
*Para que lugar vai a mente presa na sua não realização e incongruência?*

Não é difícil imaginar como seria possível facilitar o processo de adoecimento de uma pessoa trans diante da não compreensão e/ou integração familiar-social, da dificuldade financeira tanto pelos aspectos de sofrimento no trabalho como na impossibilitação de acesso a trabalho formal devido ao estigma e ao processo de exclusão social desde a infância, assim como para pessoas trans que lidam com um sofrimento corpóreo que não tem vazão e é rotineiramente nutrido pelas violências diversas.

*A corporalidade trans é regada também de autoestima*, daquilo que pode ou não ter acesso. Quando falamos, por exemplo, de altíssimas taxas de suicídio dentro da população trans, estamos também falando de uma população que, num nível individual, o sujeito passa a acreditar ser indigno, impossível, desmerecedor; que não deveria existir pelos sinais que o mundo institucional e social imprime nessa subjetividade, desde seu desenvolvimento mais infantil e ingênuo.

### Dissonância cognitiva: quem estou e por que escrevo

Passo a acreditar vivencialmente que a existência que tenho nestes instantes é de que o futuro, o passado e o presente estão bastante embaralhados e confusos. Um relógio de nós. Essa temporalidade, lograda no que não posso e preciso por uma questão de saúde sexual, me faz fincar no presente. **E o que sou agora é o que não posso.** Um estado transitório que não tem desfecho apesar de tanta acuidade da certeza. Percebo como o uso do termo “*disforia de gênero*” também é afinada com essa temporalidade caótica. Imprime em mim esse sofrimento incurável, inato. Me parece que este momento mais tem a ver com uma **dissonância cognitiva**. Os altos e baixos, buracos e tropeçares não são os mesmos afetuosamente desde sempre, estão carregados de



Obra digital: **Falodescentralizado** de *Samuel Bittar*.

Descrição de imagem: a imagem mostra uma figura oval rosa, com duas formas ovais verdes em cada lateral, uma forma oval mais fina no centro, um retângulo vertical cinza no centro mais acima e um círculo cinza em cima do retângulo.

significados. E, com o passar do tempo que juro a mim que está parado há anos, a certeza mental e a construção corpórea se tornam menos questionáveis e mais integradas aos meus outros conhecimentos do mundo e de mim. Esse processo de associação invade minha vida, minhas ansiedades, e minhas simplicidades vivenciais: urinar, bater uma, estar íntimo sexualmente com alguém, se sentir, me vestir, tomar banho, olhar no espelho... Todas as relações comigo e com o outro criam uma amplitude realista, exacerbadamente cansativa e sem futuro. A mentalização de tudo em meu existir está passando por associação e reflexão desse

sofrimento, ao mesmo tempo que a matéria física não está congruente na sensorialidade e que sinto como um conflito fantasma.



No livro **Viagem Solitária** do eterno João W. Nery, um trecho guardo bem seguramente à memória: “*É preciso ser muito homem para chegar ao orgasmo só com a força da mente*” (p. 15), e que, em seguida, abre o título “Zero Pau”.

Estou cansado, sozinho e cambaleando nas estatísticas do suicídio trans. Eu tenho que me dizer todos os dias, em tom de mediação: o tempo dos outros nunca será o meu, *o senhor do tempo* pode ser trágico, mas a tragédia sempre faz memória e história no tempo de quem experiencia.

Assim como continuamos a existir como grupo para além de nós, felizmente nos encontramos. Seja pelos maiores acessos à internet, a coragem grupal de exposição da nossa transgeneridade no mundo real e virtual, pelas múltiplas vaquinhas bem-sucedidas, demoradas para alcançar a meta ou tão distantes da nossa realidade financeira deserdada... Nos encontramos. Um trans sempre conhece outro, hoje sinto conhecer o Brasil inteiro.

Sei também que *não sou uma experiência trans única ou modelada*. Eu sou uma pessoa que experiencia a transgeneridade, e que a transgeneridade está atrelada a diversos outros aspectos de quem me constituo e sou constituído no mundo. Minha descoberta bissexual quando pensava gostar apenas de homens no início da transição, a seguridade financeira que vivencio com a família, minha branquitude que por horas me faz tentar esquecer que sou um sujeito trans e não um sujeito corrigível, até o curioso fato de que gatos e cachorros me tratam diferente de pessoas que não tem a testosterona como hormônio androgenizante mais influente (e eu só sei disso pelas mudanças comportamentais dos “outros” que observei junto das minhas mudanças fisiológicas).

Por fim, **friso para fins de não ser confundido** de que as vivências corporais e angústias fantasmagóricas que experiencio não são definidores de um “grau de transgeneridade”. O que é “*disforia de gênero*” pode nem ser percebido ou dado importância por uma pessoa trans, e para mim, idealmente, uma pessoa trans nesse mundo tão ideologicamente carregado de gênero nem precisaria vivenciar essa experiência e processo corporalizador violento para “ser”. Não é que a experiência de gênero seja uma experiência violenta *a priori*, mas uma das formas como as dominações permeiam e realizam sua perversidade que é dialeticamente exclusiva e inclusiva estruturalmente. E é por isso que se existem tecnologias que podem lidar com o que **já é realidade corporal**, então que haja compreensiva assistência.



## Enviadesci

*René Yuri Lemos*

Meu relato com a Testo nada diz sobre a libertação dum grande macho viril tentando se encaixar nos moldes serenos cisgêneros. Muito pelo contrário, eu relato que a T é coisa de transviado, onde uma grande bicha com vulva bate no peito tal qual King Kong em 1933 nas telas de cinema.

Quando a Linn da Quebrada cantou ‘enviadescer’, eu jamais imaginava que aquilo para mim viria do uso da Testo. Prestes a tomar um novo shot de depo, trago aqui nada a respeito das minhas mudanças físicas – as quais a cisgeneridade chama carinhosamente de antinatural – mas a notícia: a masculinidade é líquida, e cabe numa ampola de 2 ml.



### Arte de Salem

Descrição de imagem: a imagem mostra uma colagem digital com várias pessoas transmasculinas ao fundo em tons de rosa e azul. As pessoas são sobrepostas pela frase “soy un eterno transitar / soy una trans / masculinidad / soy un paria / mirado con suspicacia / supongo yo que es por mi / no tan masculino aspecto / pareciera que por tal etiqueta / le debo al resto hablar más grave y esconder / mis tetas pero no estoy ni ahí / soy un devenir quer”.





## **Aqui, Todo Mundo Tá Morrendo**

*Lyan Ayam*

Aqui em casa todo mundo tá morrendo!

Seja do Coração

Por duas anginas e duas safenas

Seja por depressão!

Por falta de emprego e perspectiva de vida

Seja por desilusão.

Um amor que foi num Vão

Ou em vão o amor que tu pensou que foi

Acabou despencando, e o que ficou?

Ficou Você e seu EU

Cheio de Dores

Mas também Amores

Pra compartilhar

Porque há sempre gente que repara e

Pra se Reparar por ai...



## **Pinturas de Rafa Rofo**

Descrição de imagem: a imagem mostra a pintura abstrata de um rosto de frente. O rosto possui cores mais quentes, alaranjadas e rosadas, e é construído a partir do contraste entre essas cores e sombras. O entorno possui cores frias, azuladas, brancas.



Descrição de imagem: a imagem mostra a pintura de um corpo de frente, em tons frios. O fundo é preto. O corpo está levemente inclinado, como se apoiasse seu peso em uma só perna, e suas cores mesclam entre cinza, azul, rosa, branco, vermelho, sendo o cinza a cor predominante. O corpo é exibido somente dos calcanhares para baixo e dos ombros para cima.



## SANTO ONOFRE O ERMITRANS

*Blue Mariro<sup>1</sup>*

*“Dinheiro para o meu bolso,*

*Pão para a minha boca,*

*Roupa para o meu corpo”*

*(Oração de São Onofre)*

**RESUMO:** A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a narrativa sobre a vida de São Onofre e as reivindicações que surgiram na última década sobre a sua transgeneridade, embasadas a partir de narrativas e contos populares. Este trabalho teve como metodologia o levantamento bibliográfico e documental sobre o santo, como também das temáticas referentes aos estudos sobre transgeneridade e religião. Por fim realizando uma análise imagética sobre os possíveis motivos pelos quais Onofre do Egito na atualidade poderia ser compreendido como um santo trans. E como há a necessidade de ocorrer a discussão sobre a transgeneridade na antiguidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Onofre do Egito. Transmasculinidades. Transgeneridade.

### Introdução

Os espaços de poder na sociedade foram sendo ocupados majoritariamente por homens cis, brancos e héteros. Estes indivíduos detêm os meios para subjugar e oprimir os corpos e narrativas dissidentes. As vivências de pessoas trans são apagadas, ignoradas e/ou escritas por uma perspectiva cissexista. De acordo com Jesus (2012, p. 28), “Para as pessoas trans em particular, o cissexismo invisibiliza e estigmatiza suas práticas sociais”. Desta forma, a realização de levantamentos documentais a respeito da permanência da corporeidade trans nos arquivos históricos é um desafio.

É corriqueira a retratação transfóbica nos documentos em que as pessoas trans acabam tendo a sua transgeneridade invisibilizada ao utilizarem, na construção do texto, alguns mecanismos como o gênero atribuído ao seu nascimento, desta forma ignorando a sua autoafirmação de gênero. Este processo de apagamento histórico da transgeneridade pode ser observado nas descobertas arqueológicas do Egito, em que Hatsepsut (dinastia XVIII), apesar de ter feito o pedido para ser representado com a barba postiça, características atribuídas ao masculino, é descrito nos textos acadêmicos como pertencente ao gênero feminino.



Uma das consequências deste apagamento é a criação de um distanciamento entre as vivências trans do passado com as vivências trans do presente. E este processo é variável dependendo da cultura do país, processo de colonização, imposição religiosa, dificuldades no acesso de literaturas, entre outros aspectos.

## **Metodologia**

Conforme Althaus-Reid (2019, p. 211), “Se a santidade queer tiver uma característica, ela pode ser a sua irrepresentabilidade”. Para a autora, a Teologia queer é um espelho que permite a busca pela queer presente nas pessoas. Desta forma, pesquisar sobre a vida destes santos e as suas interpretações revela uma face que foi ignorada nos seus mitos.

Este trabalho teve como metodologia o levantamento bibliográfico e documental sobre o tema proposto, que, de acordo com Gil (2010), é desenvolvido com material já elaborado, livros, artigos científicos, artigos de jornais, entre outros textos que abordam a vida de São Onofre, transgeneridade e a religiosidade. Baseando-se em autores e autoras como Jesus (2012), Althaus-Reid (2019), Betancourt (2020), entre outros.

## **O Santo Onofre do Egito**

De acordo com a definição de Jesus (2012, p. 25), a transgeneridade é um “conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento”.

Na atualidade, os movimentos de reivindicação por representatividade e pela reparação histórica envolvendo as narrativas de pessoas trans possibilitam que ocorram questionamentos sobre certos registros documentais de pessoas que antes eram tidas como “exóticas”, “diferentes”, “autênticas” e ou “estranhas”.

De acordo com Betancourt (2020),

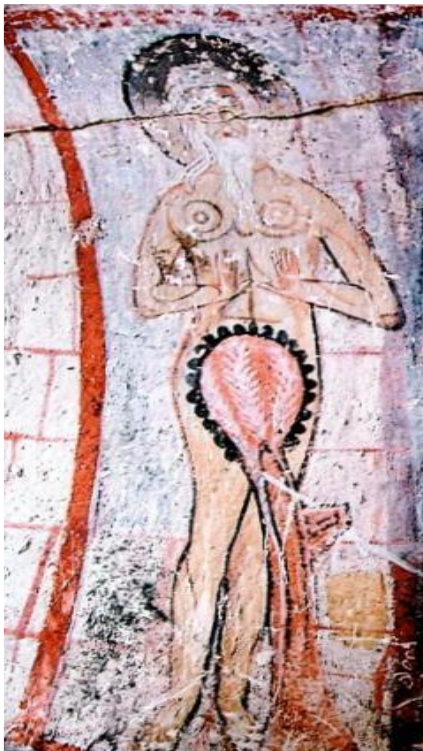
Do quinto ao nono século, várias vidas de santos compostas em todo o Mediterrâneo de língua grega detalham as vidas de indivíduos atribuídos ao sexo feminino no nascimento que, por uma série de razões diferentes, escolheram viver suas vidas adultas como homens em mosteiros. A

popularidade dessas histórias em todo o Mediterrâneo cristão é evidente, pois foram traduzidas para os dialetos copta, siríaco, etíope, armênio, árabe, latino e outros dialetos europeus. (BETANCOURT, 2020, p. 1)

Uma destas narrativas é a da possível existência de um Santo trans presente na liturgia da igreja católica, igreja ortodoxa e igreja ortodoxa oriental. O Santo Onofre (Onuphrius), nascido no Egito (ano desconhecido) e que passou a vida como um padre do deserto (eremita) no Alto Egito entre o século IV e V. Onofre era conhecido pelas suas habilidades como tecelão; devido a esta aptidão, o santo é considerado o protetor dos tecelões e tem o dia 12 de junho dedicado a sua memória.

Nos últimos anos, a motivação para o questionamento sobre a transgeneridade de Santo Onofre é devido à popularização de imagens de um afresco presente na igreja ortodoxa oriental Yılanlı Kilise (Igreja das Serpentes) localizada na Capadócia, Turquia, sendo este santo retratado de barba longa, corpo curvilíneo, seios e folhas cobrindo a genitália.

### **Imagem 1-** Afresco de São Onofre localizado na Capadócia - Turquia



**Fonte:** Enciclopédia LGBT, 2022

Descrição de imagem: a imagem mostra a representação de São Onofre, que se apresenta como uma pessoa de pé, com os braços estendidos na frente de si e as mãos quase se tocando, e com uma folha cobrindo a região dos genitais. A cor da pessoa é bege rosado, a folha é rosa com detalhes pretos ao redor, e o fundo é branco azulado, com uma linha vermelha na lateral esquerda.

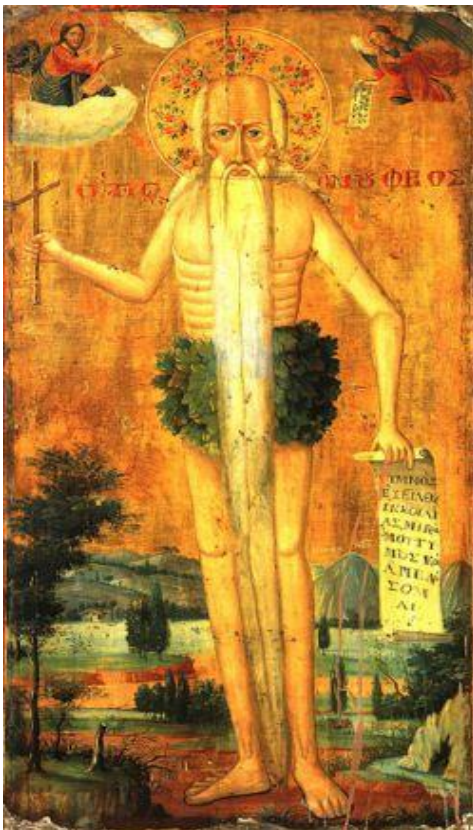
Conforme a descrição, será que São Onofre poderia ser interpretado como uma pessoa trans? Na história contada por guias locais que apresentam a igreja ortodoxa oriental e seus afrescos, Santo Onofre teria sido designado do gênero feminino ao

nascer, e, quando adulto, teria pedido a Deus para que o fizesse ter barba, já que o mesmo não desejava se casar. Após ter o seu pedido atendido, realizou voto de castidade, isolando-se no deserto por quase sete décadas.

De acordo com a história de vida do santo, é possível elencar que Onofre rejeitou e/ou não se identificou com a atribuição de gênero que lhe foi designada. Em determinado momento de sua vida, fez um pedido ao divino para que a sua corporeidade fosse modificada (barba) e, após a concretização de seu pedido, o mesmo passa a vivenciar uma identidade de gênero masculina. Sendo assim, Onofre se distancia da perspectiva patriarcal, normativa, cisgênera dos corpos, aproximando-se do que é compreendido atualmente como transgeneridade.

A narrativa oficial da igreja católica relata que, entre os séculos IV e V, São Onofre foi um padre do deserto, um eremita, que viveu durante setenta anos em isolamento, tendo como uma de suas características a habilidade como tecelão. O relato foi escrito por São Pafúncio, que teria documentado os últimos momentos de Onofre. Em nenhum dos arquivos consultados há a menção sobre a sua possível transgeneridade.

### **Imagem 2** – Representação bizantina de São Onofre de autoria e anos desconhecidos



**Fonte:** Wikipédia, 2022

Descrição de imagem: a imagem mostra a representação de São Onofre, que se dispõe como uma pessoa de pé, com os braços estendidos ao lado do corpo, com folhagens verdes cobrindo a região de sua genitália, com uma barba branca longa e cabelos brancos ao redor da cabeça careca em cima. São Onofre possui uma cor amarelada, segura um pergaminho branco e o fundo é uma paisagem rural com plantas verdes, terra avermelhada e montanhas azuladas, e céu amarelo-dourado. Nos cantos superiores esquerdo e direito, há duas pessoas menores em cima de nuvens.



Aquele corpo representado no afresco da igreja ortodoxa oriental é totalmente diferente das representações ocidentais (imagem 2) do santo católico. Nestas representações, São Onofre tem um aspecto feral, desvinculado da civilidade, esquelético, desganhado, sem curvas, sem seios e totalmente alheio à sociedade.

A narrativa de São Onofre do Egito foi construída e sacralizada no ocidente de acordo com as perspectivas do Orientalismo. Conforme Schmid Batalha (2017, p. 179), “é expresso ideologicamente, num modo de discurso baseado em instituições, vocabulário, erudição, imagens, doutrinas, burocracias e estilos coloniais”.

O fato do distanciamento entre as narrativas sobre a vida de São Onofre e a forma como a sua história foi transmitida permite a realização de um paralelo a respeito de uma questão recorrente entre pessoas trans durante a vida e também após o seu falecimento, no qual veículos de comunicação e familiares deslegitimam a identidade trans, expõem o nome morto ou colocam o foco da notícia no gênero atribuído no nascimento. Gerando dificuldade para o recolhimento de dados sobre essa parcela da população. Apagando as suas trajetórias.

Desta forma, é preciso questionar em que ponto as narrativas de São Onofre foram alteradas para que a sua existência enquanto um corpo trans fosse sistematicamente modificado. De forma tão severa até que um dos últimos resquícios sobreviventes de sua transgeneridade fosse um único afresco em uma igreja localizada na Capadócia, tornando, assim, a narrativa e discussão sobre a transgeneridade de São Onofre um fato desconhecido e totalmente distante para o ocidente.

### **Considerações finais**

A escassez de pesquisas realizadas no âmbito da Antropologia, Ciências da religião e Teologia sobre a religião na perspectiva da transgeneridade dificulta que estes temas sejam discutidos na atualidade. Como também a influência do discurso cissexista presente nas produções que são desenvolvidas.

Os questionamentos envolvendo a vida, obra e representações de padres do deserto, de santos designados do gênero feminino no nascimento e as narrativas referentes a São Onofre fazem parte da construção de novas histórias desvinculadas das





expectativas sobre os papéis de gênero que foram sendo definidos socialmente através dos séculos.

A dificuldade de realizar discussões sobre o tema da transgeneridade na antiguidade configura mais um dos processos de apagamento estrutural das vivências trans na história da humanidade. É necessário visibilizar estas narrativas para que esses debates ocorram em todos os âmbitos da sociedade.

### **Referências bibliográficas**

ALTHAUS-REID, Marcella. Deus queer. Tradução de Fábio Martelozzo Mendes. Rio de Janeiro: Metanoia, Novos diálogos, 2019.

BETANCOURT, Roland. Little aaknown transgender saints. History. Disponível em: <<https://www.advocate.com/commentary/2020/12/12/little-aaknown-history-transgender-saints>>.

BILEFSKY, Dan. As virgens juramentadas, 2008. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/herald/2008/06/24/ult2680u693.jhtm>>.

DORAEMONOTE. Transexual Saint. Disponível em: <<http://doraemonote.blogspot.com/2009/05/transsexual-saint.html?m=1>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2021.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDING, Omar N. Faraó Hatsepsut lá primeira persona trans de lá história? Culturizando. Disponível em: <<https://culturizando.com/faraon-hatshepsut-la-primera-persona-trans-de-la-historia/>>. Acesso em 16 de janeiro de 2022.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Brasília, 2012, p. 42.

“São Onúfrio”. CatholicSaintsInfo. 17 de abril de 2021. Web. Disponível em: <<http://catholicsaints.info/saint-onuphrius/>>. Acesso em 15 de janeiro de 2022.

SCHIMID BATALHA, Ettore. O Orientalismo, ou a afirmação do Discurso Hegemônico do Ocidente: Orientalism, or the affirmation of the Western Hegemonic



Discourse. Revista Argumentos, 14(2), p. 177–198, 2020. Disponível em:  
<<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/1126>>.

Acesso em: 08 de março de 2022.



*Danillo Pietro Craveiro*

Amar-te é pouco

Pouco comparado a tua grandiosidade

Senhora das águas doces

Recebi os moinhos de amor depositados a ti

Encanta-me com teu canto

E esplendor que reflete no minúsculo espelho

Revela sobre ti

Tua graciosidade

Grandiosidade e Fertilidade

Senhora, com suas águas serenas

Embala-me em seus caminhos

Desempenhando em cada caminhar o respeito e apreço

Sem jamais questionar a lealdade e humildade

Senhora rainha

Devolvo-a todo o cuidado que me foi dado

O caminho mudado

O acalantar inesperado

Sob as maresias de tua graça

Para te agradecer pelo zelo imerso



Diante de todas as dificuldades

Que necessárias se fizeram para aprendizado

Senhora doce

Prazerosa a vida em teus braços

Bondosa a energia potente emergente dos seus grandes laços

Realiza tudo que desejares

Senhora minha mãe

Te agradeço de maneira tão pequena

Comparada a toda a potência

Dos firmes segmentos de passos

Dados a cada estalo de tempo

Pelos teus comandos

Festejo em mim

O amor que sinto por ti

Ora yeye ó!



*Julian Angardi*

O coração meio maltrapilho

Os que me conhecem sabem que estou em fragmentos

Perdi minha identidade

Faz tempo

Na verdade arrancaram de mim

Minha melhor parte

Todo o teatro que faço hoje é para convencer

Que estou bem

Mesmo meu sangue escorrendo sob meus pés

Mesmo minha boca seca

E minha pele pálida

Eles acham que é possível vencer

Mas o mundo não é pra gente como eu

Os olhos fundos

Os que me conhecem sabem que estou em fragmentos

Perdi minha voz

Faz tempo

Na verdade arrancaram de mim

Minha maior parte

Todo o malabarismo que faço hoje é para convencer

Que estou bem



Mesmo meu suor escorrendo pelos meus braços

Eles acham que é possível vencer

Mas o mundo não é para gente como eu



**Resenha do artigo: RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365-373, abril. 2017.**

*Jamie Kalil Sousa Miranda<sup>1</sup>*

### **Introdução**

Este artigo é conteúdo da revista Estudos Feministas, e feito pela doutoranda paulista, travesti, ativista, professora e comunicadora, Amara Moira. Trata-se de um texto onde são abordados os contestados das palavras “cis” e “trans” e mais em específico explorando diversidades de identidades femininas plurais, onde a autora tem vivência sobre. Ela trás a nós uma imagem do que a feminilidade representa para nossa sociedade, o que o ser “mulher” pode significar (ou não) a busca por um padrão, tanto em pessoas, especialmente mulheres, cis e trans e cabendo inclusive na vivência de homens trans, que são também vítimas desse sistema binarista e cisnormativo. A afronta que a escritora trás nos faz pensar sobre os passos que já demos e os muitos que ainda devemos dar sobre o respeito e o (re)conhecimento às vivências trans dentro de nossa coletividade social.

### **Desenvolvimento**

Vivemos em uma sociedade doente, e que adocece pessoas; viemos de um processo histórico onde nosso primeiro crime LGBTQIAP+ foi sofrido por uma pessoa que se encontraria atualmente no que conhecemos como trans ainda no período colonial, datando mais precisamente no ano de 1614, o indígena Tibira. Foi apenas o começo do grande processo histórico e atual de aniquilação em que vivemos. A prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Moira trata de forma direta ao ponto sem enrolação e traz ao debate o que a sociedade nos tenta tapar a boca há tempos: nossa existência e como ela acontece.

---

<sup>1</sup> Graduando do 2º semestre de Bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), trans não-binário (ele-dele), preto, 21 anos e integrante do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), presente em lutas estudantis e pelos direitos LGBTQIAP+.



Só fomos tirados do CID de doenças da Organização Mundial da Saúde (OMS) em 19 de maio de 2018 (processo esse que só teve sua oficialização agora no ano de 2022, no dia 1 de Janeiro), ou seja, se formos fazer as contas do ano que temos registro do primeiro assassinato até o mínimo que é não nos considerarem completas aberrações pelo menos no papel, foram necessários 404 anos, e, ainda assim, todos os dias vemos relatos de violência. Muitas vezes só somos conhecidos quando aparecemos como manchete de jornal, com nosso sangue escorrendo do lado de nosso corpo violado e morto.

As narrativas trans foram nascendo de forma política, incorporadas com as lutas feministas, pois ambas discutem o que é o gênero e as limitações que, a partir da caixinha em que somos colocadas, por ele passamos a ter. A ousadia que feministas tiveram foi de suma importância para esse despertar. Stonewall, grande marco histórico do movimento mundial LGBTQIAP+, foi construída em cima da luta de mulheres trans e pretas, Sylvia Rivera e Marsha Johnson, então dizer que não existimos, como cita em sua obra a autora, já é impossível; estamos em tudo, e as pessoas sabem que estamos e já não podem negar isso.

É interessante vermos que uma luta puxou a outra, assim como feminismo e movimentos LGBTQIAP + surgiram em união. O segundo citado serviu de impulso para movimentos como o de pessoas pretas, como fala Ângela Davis: “A comunidade trans está nos mostrando o caminho” e é justamente essa união de pluralidades que nos une e fortalece.

Como falei no início desta resenha e como a escritora bem forte pontua em seu texto, essa sociedade nos adoce. Se um dia estivemos ou em algum momento ainda precisamos estar em espaços destinados a cuidados extremos de saúde mental, é porque fomos adoecidos pela cisgeneridade, é porque passamos a vida toda ouvindo que não somos normais, que estamos ferindo mandamentos religiosos e acabando com nossos pais. É porque somos abandonados e largados como animais em grande maioria pela própria família, tendo de recorrer aos meios mais subalternos de trabalho, em uma linha tênue entre a violência e o fetiche, do homem pai de família conservador, que sente na “*esquisitice*” de nossos corpos e corpos o limiar da liberdade e do real prazer. Ainda hoje, como na cidade de Fortaleza, existem ambulatórios para atendimento de pessoas trans que ficam ainda dentro de hospitais mentais, o que causa em si um estigma





imenso; existem pessoas que abandonam por vergonha, por não ter o cuidado necessário, por ser precário, e existem outras que nem sequer tem a oportunidade de adentrar esses espaços, pois o Sistema Único de Saúde (SUS) não dá conta e nem se preocupa em acolher nossas demandas.

A violência a nós dirigida é gritante. Somos pelo 13º ano consecutivo o país que mais mata pessoas trans do mundo, e caminhando para o 14º, com um crescimento de mais de 48%, segundo relatório da ANTRA e do TGE. 83% de tantas dessas mortes são pessoas em feminilidades e pretas; nossa média de vida é de apenas 35 anos, dificilmente alcançamos lugares grandes e ocupamos espaços e cargos altos. É uma luta constante, e, como fala a escritora, é uma luta de todas as feminilidades, seja mulher cis, homem trans, travesti, não binaries, se você tiver o menor sinal de feminino em si é como se um sensor fosse ativado na cabeça dos demais para lhe oprimirem e lhe atacarem, porque esse é o lugar que você pertence, o de oprimide, e aí de quem tenta cruzar essa linha.

Mas nós cruzamos e tentamos cada vez mais cruzar todos os dias, em nossas lutas, em nossas palestras, adentrando na política, visando políticas públicas, entrando em universidades e lutando para que os nossos possam também entrar, Amara teve um papel fundamental pra mim chegar na universidade, e ela prega em sala de aula do cursinho o quanto ela nos quer ver chegar onde queremos; se estou aqui hoje me encontrando e resenhando sobre esse lindo artigo dessa Drª travesti, é porque anos atrás encontrei nela a inspiração, assim como acredito que vários também encontraram. Amara mostra, de forma muito marcante, como ainda somos vilipendiados, como nossa existência é esquecida e que precisamos lutar uns pelos outros, pois “a gente só tem a gente”, e é justamente isso que precisamos, de não apenas pessoas cis lutando por causas que minimamente nos acolham, mas de termos nossa própria voz sendo ouvida, de termos nossas demandas sendo alcançadas, de estarmos mudando o futuro das crianças trans que estão nascendo todos os dias, que elas não precisem jamais passar por todos os percalços que ainda temos de *transpor*, diariamente.

## **Conclusão**



É, eles não podem nos silenciar mais, já somos muitos na multidão, é impossível não nos verem né, Amara? A gente tá conseguindo, de pouquinho em pouquinho, infelizmente com muito sangue derramado, tanto por assassinato como tristes suicídios, mas como houve anos atrás na letra do rapper trans não binário, TRIZ, “a luz da minha luta sua bala não apaga”. O que buscamos hoje é o aumento da nossa expectativa de vida, das vagas de empregos, da resolução do descaso que sofremos no sistema público de saúde, de direitos realmente respeitados, somos seres humanos e exigimos sermos tratados como tais, não é nenhum favor, é o mínimo, e pode achar ruim, mas Linn da Quebrada já avisou: “Tô vendo de camarote, o fim do seu reinado, rindo muito da sua cara de cãozinho abandonado”.

*“E se trans for mar, eu rio*

*E se trans for mar, água de torneira*

*E se trans for mar, eu rio*

*Contra a correnteza.”*

Linn da Quebrada, Eu matei o Júnior.

### **Referências bibliográficas**

Disponível em: <[https://scholar.google.com.br/citations?user=\\_\\_-LlisAAAAJ&hl=pt-BR](https://scholar.google.com.br/citations?user=__-LlisAAAAJ&hl=pt-BR)>.

Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55462549>>.

Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/junho/organizacao-mundial-da-sauderetira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-e-disturbios-mentais>>.

Disponível em: <<https://despatologizacao.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/>>.



Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/06/revolta-de-stonewall-tudo-sobre-o-levante-que-deu-inicio-ao-movimento-lgbt.html>>.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/trans/a/FScyDnYgTQHYxtCYnHLbMqv/?lang=pt>>

Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2021/04/06/peticao-tenta-realocar-e-melhorar-ambulatorio-destinado-a-pessoas-trans.html>>.

Disponível em: <[https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf&ved=2ahUKEwi8hICRgKX1AhX9p5UCHQnVCwAQFnoECAoQAQ&usg=AOvVaw3v\\_GxHI24NtBfePAFOdvXT](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf&ved=2ahUKEwi8hICRgKX1AhX9p5UCHQnVCwAQFnoECAoQAQ&usg=AOvVaw3v_GxHI24NtBfePAFOdvXT)>.

Disponível em: <<https://antrabrazil.org/assassinatos/>>.

Disponível em: <<https://m.letras.mus.br/triz/elevacao-mental/>>.

Disponível em: <<https://m.letras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/bixa-travesti/>>.

Disponível em: <<https://m.letras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/eu-matei-o-junior-part-ventura-profana/>>.



## O homem (re)inventado

*Peter Milanez da Silva*



Descrição de imagem: a imagem mostra uma pessoa transmasculina mastectomizada e que fez a faloplastia, de cabelo curto castanho e barba por fazer, sentada em uma pedra, com uma leve vegetação verde ao redor e um fundo azul galáctico. A pessoa lê um livro com a capa da HQ “Monstrans”, de Lino Arruda.



## O homem (re)inventado

*Peter Milanez da Silva*

Dizem que toda pessoa é uma colcha de retalhos.  
Se sou feito de retalhos, por que não sou uma pessoa?  
Mais um dentre os corpos rejeitados, descartados,  
feito de flores, soterrado para que se decomponha.

Sobre os ombros carregando a culpa  
dos que crêem que não se inventaram  
e que no mundo se estruturaram  
para exercerem o poder, não a escuta.

O mundo por séculos assim construído,  
não pelas mãos de Ceneu, mas pelo falo de Príapo,  
e mesmo assim é meu falo inventado  
que representa o pecado e o perigo.

Por isso hoje quero me sentar a sós comigo,  
ver meu monstro refletido no traçado de um amigo,  
amar meu passado, acariciar cicatrizes,  
vivenciar os tão negados momentos felizes  
de ser o homem-infinito  
que abraçou a falha,  
que rompeu com o ritmo,  
que foi seu próprio pai,  
também seu próprio filho,  
e que se contempla em sua mais pura natureza  
de ser além-homem, além-corpo, inexprimível.



Ano 8.d.C, Grécia: Ceneu aparece nos mitos gregos (LOPES, 2017, p.55). Talvez o primeiro registro literário da história do ocidente sobre um “homem trans” e sobre um ato de “transfobia”.

E tu, Ceneu, vou ter de te aturar? Ao meu olhar tu serás sempre uma mulher, sempre Cenis. Esqueceste do teu nascimento e da desgraça pela qual ganhaste tua recompensa – a que preço ganhaste a falsa semelhança com um homem. Lembre-se tanto de teu nascimento, quanto ao que te submeteste. Vá pegar o fuso [de uma roca de fiar] e o novelo de lã. [...] Deixe a guerra para os homens. (LOPES, 2017, p. 56 *apud* OVÍDIO, 1984, p. 214-215)

Ceneu foi Cenis, “filha” de Elato que, após sofrer um estupro por parte de Poseidon, teve concedido o desejo de “transformar-se” em um homem (LOPES, 2017 *apud* ACUSILAUS OF ARGOS, 2017) e, no trecho acima extraído de Ovídio, Ceneu tem sua identidade de gênero deslegetimada por um centauro que enfrenta em uma batalha.

Segundo Lopes (2017, p.53), há indícios textuais nos mitos gregos que denunciam uma mudança do matriarcado para o patriarcado antes ou durante o início da Grécia Arcaica, pois alguns desses textos que continham passagens sobre gênero misto, androginia, transgeneridade e intersexualidade, havendo a presença da aquisição de características consideradas femininas como plano de fundo, passaram a carregar uma alusão negativa a tal fenômeno devido à presença do feminino nessas figuras, evidenciando que esse havia passado a ser algo vergonhoso para tal sociedade.

### Referências bibliográficas

LOPES, Anchyses Jobim. Transexualidades: psicanálise e mitologia grega. Estudos de psicanálise, Belo Horizonte, n. 47, p. 47-71, jul. 2017. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372017000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 13 de maio de 2022.



## trajeto de olhos

*Nicolas Bastos*

essa é uma carta aberta a todos que me encaram duas vezes na rua  
a ti, que desacelerou o passo para me destrinchar com mais calma  
quando eu apenas queria ser mais um zé ninguém na calçada  
para as mulheres, que procuram um volume singelo na bermuda  
como se eu fosse um animal doméstico de vitrine  
para os homens, que notam o volume em minha camisa  
e riem com escárnio cutucando o colega mais próximo  
para os olhos, que percorrem trajetos no meu corpo (condenado)  
quando este nunca foi uma propriedade pública ou muito menos quadro  
cujo peso e estatura, estão na etiqueta do museu para ser datado (classificado)  
a ti, pele que analiso no espelho sujo do banheiro  
e que mesmo sem traços grossos ou pelos, me pertence  
a eles, que inventaram as leis do parecer a designaram na sala de parto  
e esqueceram de lembrar que não somos farinha do mesmo saco  
a ti, cochicho nada despercebido em linhas de desaprovação, transpassando-me  
aos balconistas que pedem a identidade sem necessidade de verificação  
como se as letras datilografadas em um documento dissessem quem é humanidade  
e quem é resto, porque quem deve ficar à margem não tem nome certo na certidão  
às solas das minhas chinelas gastas, que, com brutalidade no concreto duro, raspam  
rápidas o chão



peço perdão: ainda não me foi dado o direito de andar com lentidão  
a cada palavra em tom vil, pelas quais os meus ouvidos foram afetados  
sapatão, maria joão e a máxima: aberração  
mas que a minha garganta não engoliu, plantou reciprocidade e escarrou, cuspiu  
e enfim para o trajeto de olhos que nunca encontrou a minha verdadeira visão  
apesar de não me tirar nunca da mira a repressão  
digo-lhes: no holofote que antes foi sistema, irão me assistir transvivo.

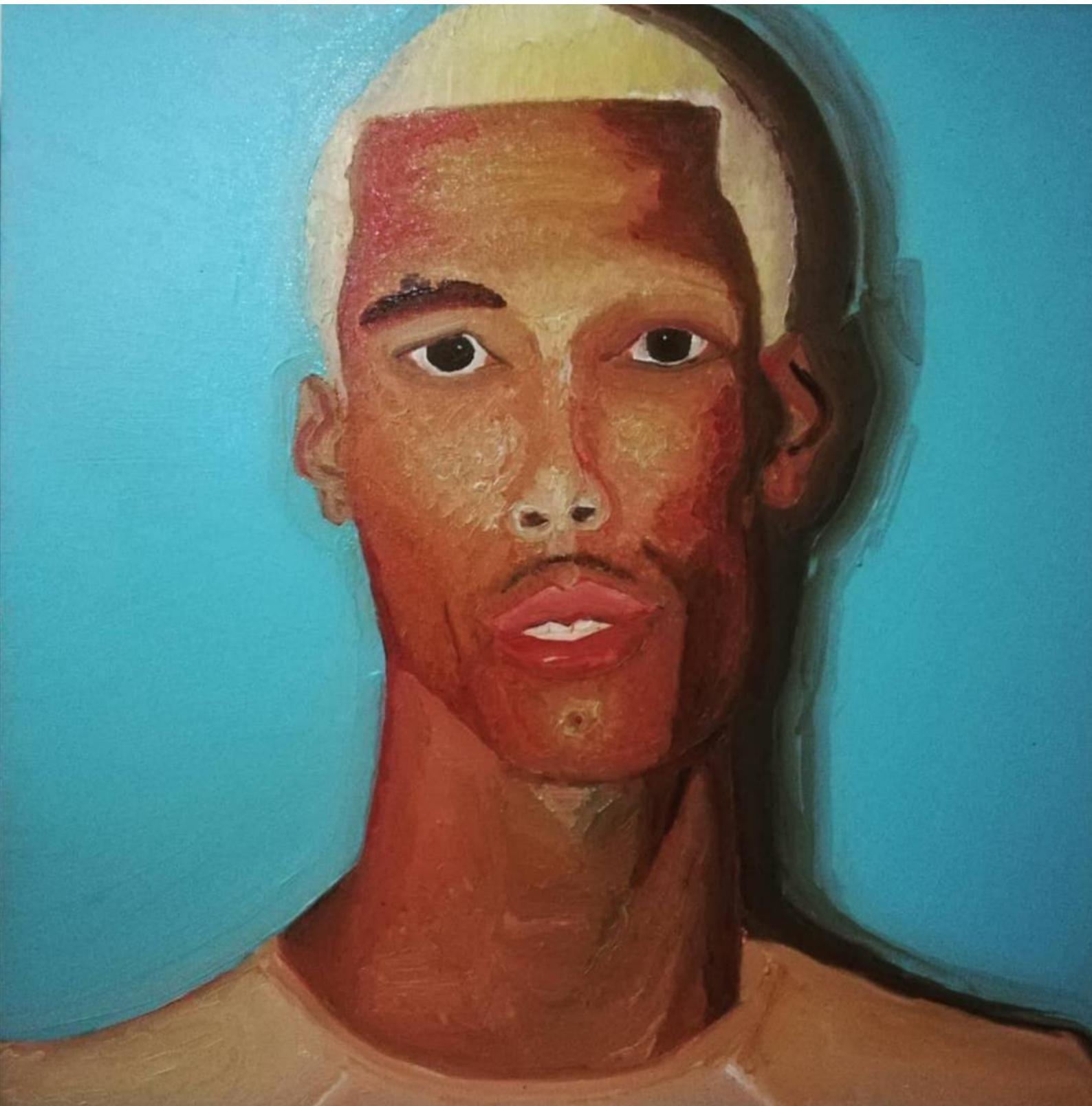




Descrição de imagem: a imagem mostra uma pintura retratando Frida Khalo, em um fundo vermelho. O rosto retratado está levemente inclinado, de perfil; está com uma expressão séria, olhando ao longe, e possui flores no cabelo preso num coque. A pequena parte que mostra os ombros de Frida veste algo azul.



Descrição de imagem: a imagem mostra uma pintura retratando uma pessoa branca, usando óculos escuros retangulares e vestindo algo preto. A pessoa está com a mão levantada segurando um cigarro e possui uma expressão séria, com a boca entreaberta e os cabelos pretos soltos. O fundo é cinza.



Descrição de imagem: a imagem mostra uma pintura retratando uma pessoa negra, olhando para a frente, com a boca entreaberta, cabelo curto loiro, e vestindo algo marrom. O fundo é azul.



Descrição de imagem: a imagem mostra uma pintura retratando o rosto de Clarice Lispector. O rosto está sério, olhando para algo à sua frente, com as sobrancelhas arqueadas. O cabelo é ruivo e o fundo é azul, e a parte que mostra os ombros está vestida por uma camisa branca com listras vermelhas.



## O CINEMA AMALDIÇOADO PELOS NOSSOS ANCESTRAIS

*Rosa Caldeira*

A história começa numa maldição jogada nessa terra há mais de 500 anos e que perdura até hoje. Ela está presente em cada trans, periférico, preto e marginal que resiste e profetiza outras tantas conjurações para que possamos enfrentar mais um fim do mundo.

Essa história vem sendo contada por tecnologias ancestrais de saberes orais, musicais, corporais, religiosos, coletivos e descolonizados. E é honrando essas ancestralidades que hoje ocupamos cada vez mais espaços, inclusive nas artes e no cinema, uma expressão artística que surge no seio da industrialização de países colonizados mas que também é reapropriado pelos nossos saberes. Falo então de um cinema que se transforma em truque, ekê, periferia, negritude, maloka. Mas o lugar de partida dessa conversa é outro: aprendi que para começar qualquer discussão, falar como chegamos até aqui é essencial, ou seja, contar sobre qual é o nosso truque para continuarmos vivos em uma sociedade que tenta nos minar a todo tempo.

Todo mundo sempre me chamou de Rosa, inclusive a minha mãe. Eu sou um jovem trans irmão de 7 – se contarmos os agregados, cria da periferia de Francisco Morato. Minha mãe sempre me ensinou muito, mas a contação de histórias veio mesmo direto no sangue. Diz a lenda que meu avô ganhou o primeiro campeonato de mentiras do interior de Minas Gerais e, desde então, a galera ia até nos enterros para ouvir ele falar. Aí que foi esse o chamado que eu segui na vida. Até porque, como qualquer jovem periférico da década de 90, eu sou cria do rap, racionais e tantos outros. Cada malokeiro tem um saber empírico, cêis ta ligado, né? E é por conta dessas poesias cantadas, entre um tropeço e outro, como qualquer caso periférico que eu poderia contar, que descobri o cinema como forma de trabalho e, principalmente, maneiras de contar histórias com ele. O que faltava era entender que eu também podia trabalhar com isso.

Falar sobre cinema para mim sempre foi difícil, mas o motivo foi se transformando ao longo dos anos. Até pouco tempo, a maior questão era a complexidade dos nomes: Tarkovsky, Copolla, Apichatpong; nunca vi, nem comi, só



ouço falar. Era muita teoria falando grego, pouco conhecimento, mas muita idealização da minha parte do que seriam esses cânones inalcançáveis. Na época, eu era muito mais próximo dos vídeos do YouTube, das séries pastelão, desse meio termo entre performance, vídeo e documentário do que outras linguagens audiovisuais.

Aí que o lema “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça” era a minha máxima, não me referindo ao Cinema Novo, mas a um audiovisual instintivo meu e dos meus para retratar as nossas realidades periféricas por nós mesmos, em primeira pessoa do plural. A gente ia assim, num cinema que partia de dentro pra fora, retratando nossas vidas. Nessa brincadeira, construímos uma coletividade que desaguou na Maloka Filmes, um polo de resistência malokeira do cinema comunitário criado na Zona Sul da Periferia de São Paulo.

Nessas investigações, ficamos na pegada do documentário por muito tempo. Fizemos trabalhos de pura revolução, como nosso longa metragem Raízes, dirigido pelo Well Amorim e, a Simone Nascimento, que resgata a memória e ancestralidade do povo preto da periferia de São Paulo. Foi só anos depois, em 2019, que decidimos fazer nosso primeiro filme de ficção. As referências eram de videoclipes, séries, vídeos do YouTube das travestis pretas e dos filmes que nos fascinavam: Spike Lee, Filmes de plástico, e um monte de curta metragem. Também tinha o incrível Peripatético da Jéssica Queiroz, o N3GRUM3, enfim, um bocado de curta que nos fazia pensar sobre como é foda ter gente perto de você que faz o corre, que é referência de verdade. Tá ligado? Mas, para além de referências cinematográficas, nossas inspirações tavam mesmo na rua, nas nossas famílias, na poesia, no ritmo da capoeira, tudo baseado em filosofia favelada pura.

Enfim, fizemos o filme da forma mais instintiva de todas, algo que sempre nos rodeou e foi justamente o que nos trouxe até aqui: a coletividade. Resolvemos dividir a direção em quatro pessoas, o roteiro em cinco, direção de foto em três. Para gente não foi nada absurdo: antes mesmo de pensar que história iríamos contar, era óbvio que ia ser assim, coletivo, que era a maneira mais simples que a gente conhecia.

Mas aí, podepa, gravamos. Nosso bairro, famílias, vidas e amigos retratados nas telas e atrás das câmeras. Nossas histórias. Demos o nome pro filme de PERIFERICU e no começo a gente nem tava pensando nesse rolê de festival não, o negócio era exibir na quebrada, rodar pelas favelas, cineclubes, levar a discussão, estender a conversa



pros nossos. Eu sempre lembro do PERIFERIATRANS, um festival de 2016 na quebrada da zona sul de São Paulo, que sinto que foi a semente que plantou no meu coração a vontade de trabalhar com arte. O meu desejo era plantar sementes em quantos maloqueiros fosse possível.

No final, o filme rodou mais de 200 exhibições, foram 30 prêmios pra mais. Feito por pessoas trans, pretas e periféricas. Isso tudo foi dahora caralho. Só que ser um corpo marginal que fura a bolha é carregar a contradição de ocupar um universo muito distante do seu. Então o conflito, o “para que serve esse rolê de festival? Em que tipo de pessoa isso chega?” ainda tava lá. Até porque essa história de festival é contraditória para caramba.

Foi aos poucos que a gente entendeu a lógica perversa desses ambientes. O fato da gente estar lá, representando uma quebrada diversa, trans e preta, excluía que outros como nós também estivéssemos. A gente era a exceção, o selo de representatividade, a validação que eles precisavam para dizer que eram inclusivos, porque a estrutura de fato de quem organizava o rolê, ninguém tinha nem pensado em mudar.

No segundo festival presencial que fomos, levamos a nossa caixa de som e fizemos um baile funk na rua, na frente do evento. Apareceu a galera que trabalhava na limpeza, o povo das quebradas ali perto, geral. Óbvio que veio a polícia porque tinha “muita gente suspeita”. E aí a pergunta: qual sentido de ter um filme feito pelos nossos corpos sendo exibido se o próprio evento não consegue refletir sobre a sua estrutura e o quanto ela é transfóbica, embranquecida e burguesa, desde as músicas que (não) tocam na festa até os coordenadores do evento? Estar nos lugares sendo um corpo marginal é sobre querer existir de verdade, não só enquanto cota lá no palco para validar a exceção que exclui outras pessoas como a gente de estarem ali. Como diria Emicida, eles querem que gente que vem de onde nois vem seja mais humilde, abaixe a cabeça, nunca revide, finja que esqueceu a porra toda. Mas então você descobre que o dinheiro, o prestígio e as oportunidades circulam nesses mesmos lugares contraditórios e, obviamente, pela mais justa alternância de poderes, também queremos ocupar esses ambientes de alguma forma. Na verdade, é sobre acesso a direitos básicos, democracia, equidade, reparação histórica.

Querendo ou não, esse negócio de cinema é potente. Criar imagens, significados, pensar em possibilidades de existência para além da simples



sobrevivência, construir mundos possíveis a partir do impossível. Você só pode existir no mundo se você consegue se imaginar nele. E isso tem uma potência enorme para corpos marginais que são sub-representados e desumanizados pelas artes no geral. Falar de artes visuais é debater muito mais do que audiovisual.

Foi então que eu sinto que comecei a entender certas coisas sobre o que era o cinema. Quem decidia se uma pessoa era considerada ou não cineasta era a validação emitida por esses espaços acadêmicos e elitistas. Porque a trava que faz performance no YouTube não é cinematográfica o suficiente? Porque tem 5 filmes de apartamento da FAAP num festival qualquer e não tem um sequer da Leona Vingativa? Porque eu precisei ganhar 30 prêmios nos maiores festivais do Brasil para começar a me sentir cineasta de verdade?

Tudo isso para dizer que, para além de cineasta, o nosso cinema, o meu cinema, é um cinema do ekê, do pajubá, do truque, protagonizado sim pelas pretas, periféricas, transviadas. A gente teve que fazer um filme foda do caralho, ser aceito em sei lá qual festival, citado por fulano não sei se onde, ter a existência autorizada pela estrutura, para ter as nossas existências periféricas validadas, porque a autoestima da burguesia cisgênera e branca, que estuda cinema desde os 17 anos na USP, é tão forte que quem não se encaixa nesse padrão não consegue se ver enquanto válido de forma nenhuma. E nisso não tô descartando a academia, o cinema de Cannes ou toda a história dessa arte que surgiu justamente como ferramenta da colonização, mas tô questionando o descarte de certas narrativas que essas mesmas instituições promovem desde a origem da sétima arte.

O cinema do ekê nada mais é do que um cinema que entende que falar sobre cinema é muito mais do que debater se gostamos ou não de Bacurau, mas é conversar sobre outros marcos civilizatórios, onde os saberes periféricos, transviados e pretos, do vogue ao candomblé, são resgatados e sistemas desestruturados. Sistema esse que não é uma nuvem do Dropbox, mas é palpável, corporificado como branquitude, cisgeneridade e colonização que se articulam e se organizam para manter certos grupos no poder. E por isso temos que aprender a construir armaduras para essa guerra, e as artes do ekê fazem parte dessa busca.

Ekê no pajubá, uma língua afrotranscestral, pode ser traduzido como mentira mas, seguindo a tradução da incrível multiartista Vita Pereira, também pode ser





entendido enquanto truque. O truque não pode ser nomeado ou ensinado, mas é algo que deve ser experienciado diariamente. Cada um pode construir seu próprio truque.

As ancestralidades pretas, trans e periféricas construíram suas tecnologias para atravessar seus próprios apocalipses, assim como nós estamos construindo nossas armaduras para enfrentar o nosso fim de mundo cotidiano. Até porquê o fim de mundo é o hoje, é o Brasil, é essa ficção, é a realidade que enfrentamos, que foi construída a partir de sangue, apagamentos, genocídios. Falar sobre essa história não dita é também uma forma de realizar essa travessia.

O cinema e a arte do ekê não podem ressuscitar nossos mortos, acabar com todas as violências, fazer brotar as plantações, encher os rios ou atravessar os sete mares a pé, mas ele pode ser um plano de fuga antes que nos destruam. É preciso imaginar para poder escapar e construir outros fins e começos prósperos, até porque o nosso plano é o de continuarmos vivos. Por isso, o cinema, pra nós, só faz sentido se for uma arte do Ekê. Não vamos morrer e nossas vidas, filosofias e tecnologias vão estar pra sempre registradas nas oralidades e filmografias: essa é a maldição que nós continuamos a pregar nessa terra.

E aí eu que pergunto, qual é a sua profetização, a malokeragem, o truque para atravessar esse fim do mundo?



## Artes de Bernardo Guterres

Descrição de imagem: a imagem mostra uma pessoa sentada de lado, com as pernas cruzadas e os braços repousados no colo, vestindo uma cueca branca e olhando para baixo. O fundo da imagem é uma série de recortes geométricos laranjas e pretos.

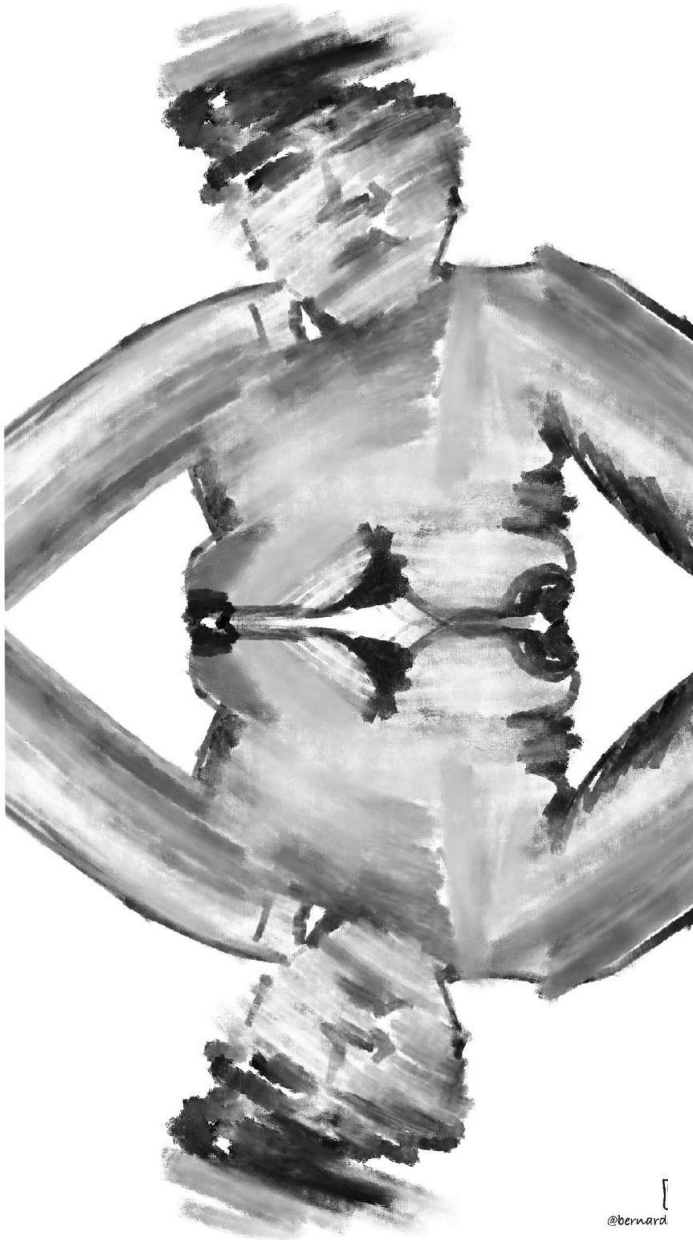


@bernardoguterres.art

MEDUSE

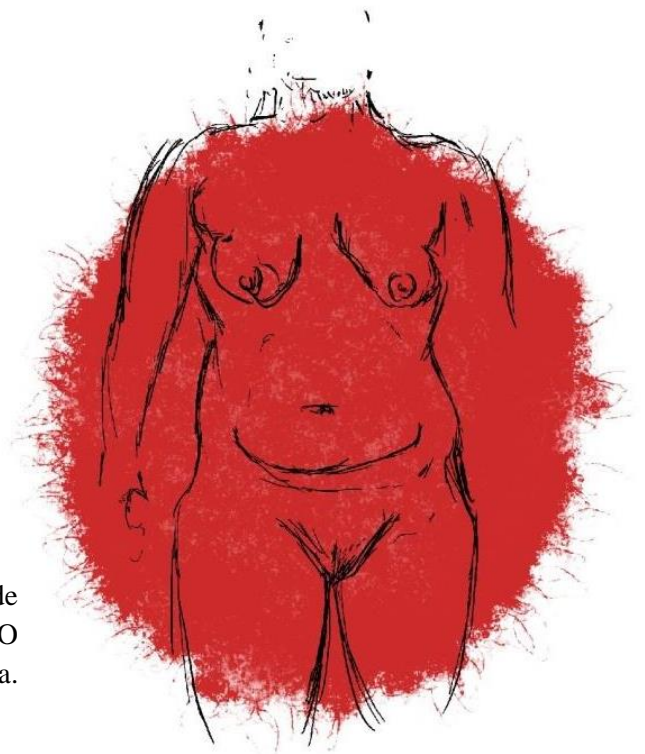


Descrição de imagem: a imagem mostra o desenho de um torso de frente em um fundo cinza, semelhante a concreto. Da região genital, sai uma cobra peçonhenta, com outras cobrinhas ao redor. Na parte superior do corpo, há a palavra “meduse”.



Descrição de imagem: a imagem mostra a imagem de uma pessoa de frente, com os braços estendidos e os seios repousados em uma superfície espelhada. A pessoa possui tons de cinza. Na parte inferior da imagem, há o exato reflexo da pessoa.

Descrição de imagem: a imagem mostra a imagem de um torso de frente, em um fundo vermelho, mostrando dos joelhos ao pescoço. O fundo vermelho se assemelha a uma grande gota.



  
@bernardoguerres.art



Descrição de imagem: a imagem mostra uma mão segurando cinco cartas. Cada carta possui um rosto. A mão e as cartas são retratadas em branco e o fundo é preto.



Descrição de imagem: a imagem mostra cinco rostos. O primeiro rosto da frente possui cabelo curto e barba. O segundo rosto à esquerda possui cabelo comprido, tal como o terceiro rosto à esquerda. O segundo rosto à direita possui cabelo curto, tal como o terceiro rosto à direita. O fundo é roxo.



*Dante Lírío*

já entendi que não serei comprado  
por favor não me entenda errado  
acordo e durmo pensando em ser servido  
como um prato  
mas é que sempre desperto destes sonhos desejosos  
sonhos funerários  
comigo morrendo por um martelo  
repetindo comigo que a causa é boa  
é claro, é claro, é claro  
minha própria carne sendo ameaçada  
mas  
é claro, é claro, é claro  
volto ao começo do poema e sinto-me acuado  
realizo que não há eu  
se não houver mercado  
  
parece tarde  
já estou enfileirado com o resto do gado  
e como não tive estômago forte para fazer meu trabalho  
que era simples  
e também era claro  
somente vejo os outros sendo comprados



eles somente serão usados

usados, usados, usados

por fim, descartados

pior do que eles? deixado de lado

num breve segundo de consciência

fico com o estômago revirado, muito fraco

morri, morro (morrerei?)

mesmo tendo desvendado

Meu Deus que tristeza

o produto não faz o mercado



## Um homem é um vulcão

*Erik Neuburger*

A escola nos ensina que uma ilha é uma porção de terra emersa cercada por água – por todos os lados –, mas essa terra é qualquer terra? Essa água é qualquer água? Quanta terra é necessária para formar uma ilha? Um continente é uma ilha? Até mesmo para a ilha existe a norma, ela não pode ser muito grande, pois dessa forma passa a ser reconhecida como um continente. Aparentemente também não é permitido que a ilha seja cercada, ao mesmo tempo, por água doce e salgada. O governo da Austrália a considera a maior ilha e o menor continente do mundo, porém, para a maioria dos geógrafos, a Austrália é um continente e a maior ilha do mundo é a Groelândia. A Austrália é um continente trans ou uma ilha não-binária? Dentro dos processos que formam as ilhas, destacam-se os vulcânicos, continentais, fluviais e lacustres. Imagino, no entanto, que exista uma multiplicidade de ilhas, assim como de corpos, que não são definidas por essas categorias de classificação geológica. Um desses processos captura a minha atenção.

Um vulcão submerso que entra em erupção, devido à agitação do material magmático causada pelo movimento das placas tectônicas, ao longo de milhões de anos, gera o acúmulo e solidificação da lava, que, em um momento, ultrapassa o nível da água, eis a ilha. Esse processo não termina quando a lava encontra a superfície, o vulcão continua em erupção, expandindo o território da ilha, como foi possível observar com a erupção do complexo vulcânico Cumbre Vieja, situado na ilha de La Palma, onde ao alcançar o mar a lava modificou o desenho da costa da ilha. Ainda que essa mudança seja pequena se comparada ao tamanho de La Palma, estamos falando de um processo de transformação que leva milhões de anos. Uma ilha vulcânica é formada por inúmeras erupções que modificam seus contornos ao longo do tempo.

Gostaria de contar a história de um vulcão, que levou à formação de uma ilha. Esse vulcão entrou em erupção faz alguns anos e passou um longo período submerso, expelindo lava em silêncio, ainda que de forma intensa, violenta e incontrolável. Há quem diga que houve momentos em que esteve adormecido, outros que esteve perto da extinção, entretanto, alguns vulcanólogos discordam, afirmam que esteve sempre ativo, apenas seus níveis de atividade variavam. A lava chegou à superfície, esfriou,





solidificou, e, assim, formou-se uma ilha, é ainda pequena e está em constante transformação devido às violentas erupções. John Donne escreveu: “Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; todos são parte do continente, uma parte de um todo”. Acho que posso concordar, um homem não é uma ilha, um homem é um vulcão, e a ilha é o que se forma de sua erupção subjetiva, a erupção é como a linha de fuga de Deleuze e Guattari, ela cria um novo caminho, fissuras por onde o desejo – lava – pode voltar a fluir; contudo, uma ilha pode se tornar a prisão de um homem, por isso, viajantes e aventureiros, eu os convido a conhecer essa ilha, mas peço que tomem cuidado, pois o vulcão ainda está em erupção.

*8 de novembro de 2021*



**poemas de amor e carnaval**

*Felipe de Paula*

FEVEREIRO

vendinha

de lantejoulas verdes e fantasias

cavas

há um idílio

no topo do topo do carro alegórico

irremediavelmente são

não sei dizer se são meus olhos os que brilham

ou se o avesso da pele

tu é um expresso com uísque, açúcar mascavo

e creme de leite fresco

depois desse lusco fusco

mal-aventurado

as mãos pelos pés na avenida

tu



ricochete

na quarta-feira, decesso



## Breve histórico das transmasculinidades no Brasil no século XX e início do século XXI

*Leonardo Farias Pessoa Tenório e Luciano Palhano (Luck Yemonja Banke)*

O apêndice escrito por Richard Green no livro *The Transsexual Phenomenon* (BENJAMIN, 1966), *Transsexualism: Mythological, historical, and cross-cultural aspects*, faz um resgate histórico na literatura existente à época sobre a ocorrência de experiências de vida análogas à da transexualidade em períodos históricos passados e em várias sociedades humanas diferentes. No texto de Green, há uma referência ao trânsito de gênero em tribos indígenas dos povos originários brasileiros<sup>2</sup>. Não sabemos se o relato fala de experiências de vida trans, homossexuais ou ambas, mas é importante conhecer:

Em algumas tribos brasileiras foram observadas mulheres que se abstinham de todas as ocupações femininas e imitavam os homens em tudo. Usavam os cabelos à moda masculina e ‘preferiam se deixar matar a ter relações sexuais com um homem. Cada uma dessas mulheres tinha uma mulher que a serviu e com quem se casou...’ [8, 32] (BENJAMIN, 1966, em livre tradução)

De acordo com o apêndice de Green, nós, pessoas trans, sempre existimos em todos os períodos históricos e em todos os continentes do mundo. E inclusive na mitologia de diversas sociedades (BENJAMIN, 1966). Assim como a vida animal é também diversa. Há o fenômeno natural da “mudança de sexo” no mundo animal (algumas espécies de peixes, galinhas, anfíbios). Os cavalos marinhos “machos” gestam e parem os bebês, enquanto as “fêmeas” inseminam. E há espécies que se reproduzem sem macho (dragões de komodo e outras).

Porém, nossa existência foi invisibilizada pela maior parte da sociedade por séculos. Em nosso país, o hegemônico sistema ideológico branco-ocidental-judaico-cristão materializou valores ao longo da história em que as categorias de gênero, heterocisnormativas e machistas, eram fundantes. Isso foi expresso nos valores da família patriarcal, da narrativa histórica dos “grandes homens” (esquecendo-se das mulheres) e da razão iluminista essencialmente branca e masculina. A partir desta visão de mundo, as mulheres (brancas) seriam mais sensíveis, emotivas e, portanto, mais

---

<sup>2</sup>Não são identificadas em quais etnias ou tribos indígenas, nem em qual período de tempo isso aconteceu.



irracionais. Ainda de acordo com esse sistema ideológico, mulheres negras e indígenas, a princípio, não ocupariam nem mesmo a categoria de “humanidade”. Homens trans e transmasculinos então sequer teriam o direito à existência.

O modo como as identidades trans são conhecidas hoje em nossa sociedade passou por uma captura colonizadora médica patologizante a partir do final do século XIX. Nossa construção de gênero culturalizou-se como sendo intimamente ligada à existência da disforia de gênero e da realização de modificações corporais através de tecnologias médicas (hormônios e cirurgias) e outras criadas por nós (coletes, packers). Hoje, a despatologização das identidades trans já é uma realidade no mundo, e boa parte da própria comunidade trans compreende que identificar-se enquanto trans não se deve necessariamente à disforia de gênero e a modificações corporais, nem ao desejo de ser igual a “homens cis”. Alguns trans sequer desejam injetar testosterona ou fazer cirurgias.

No século XX, parte dessa invisibilização social foi protagonizada pelos próprios homens trans de forma consciente, em especial antes da luta social organizada e da massificação da internet. Ser invisível era uma necessidade legítima de minimizar os riscos e situações de fato de violência física, sexual e psicológica e garantir outras coisas importantes, como manter o emprego ou ter o casamento aprovado pela família da cônjuge.

No final do século XX e início do XXI, havia um processo conhecido como *stealth*<sup>3</sup>, nome importado do exterior, em que pessoas trans realizavam sua transição de gênero corporal e nos documentos, e se exilavam em outro município onde não conheciam quase ninguém para viver uma vida nova como se fosse uma pessoa cisgênera, sem que soubessem de sua história de vida anterior. Assim viviam muitos homens trans até a primeira década dos anos 2000, socialmente inexistentes, invisíveis e isolados.

Não é difícil compreender o motivo pelo qual homens trans e outros LGBT mantiveram suas identidades ocultas para a sociedade na maior parte do século XX. Neste período, a população LGBT era qualificada como “anormal”, “amoral”, “anômala”, “mórbida” e “doente mental”, além de sofrer com a perseguição da

---

<sup>3</sup> O nome fazia referência aos aviões *stealths*, que eram aviões furtivos, virtualmente invisíveis, criados durante os anos 1970, feitos especialmente para não serem detectados por radares.



sociedade e da polícia. Esta última chegava a fechar bares e boates de público LGBT e a aprisionar no sistema penal ou em delegacias pessoas trans por viverem no gênero de acordo com suas identificações.

Há pouco conhecimento produzido sobre a história dos homens trans<sup>4</sup> brasileiros no século XX, mas temos alguns registros históricos. Existem várias notícias em jornais impressos de vários estados do país sobre pessoas que viveram experiências muito semelhantes às que hoje atribuiríamos como sendo de homens trans. Parte destas notícias jornalísticas foi resgatada pelo pesquisador cis Luiz Morando, publicada em artigos científicos ou cedida por e-mail para nós. Varias dessas notícias foram retiradas do acervo online da Hemeroteca Digital Brasileira<sup>5</sup>, disponibilizada pela Biblioteca Nacional, ou em acervos impressos de jornais. É importante informar que a seleção dos registros históricos incluídos neste texto não foi realizada após ampla pesquisa sob o rigor da metodologia científica, e sim escolhidos de forma intuitiva, a partir de casos apresentados por outras pessoas e através do conhecimento acumulado por experiência de vida ao longo dos anos. Os casos de homens trans/transmasculines noticiados em jornais do século XX são mais numerosos que os apresentados neste texto, e carecem de pesquisa maior.

Algumas destas notícias publicadas nos jornais no século XX relatam casos difíceis de identificar se há uma identidade trans em função do conjunto de informações repassadas. Alguns destes casos podem representar uma série de possibilidades diferentes às das transidentidades. Por exemplo, mulheres que incorporaram a identidade masculina no intuito de trabalharem e circularem livremente na sociedade; ou para repelir homens, já que não os desejavam; ou para casar com outra mulher e passarem para a sociedade a imagem de um casal heterossexual; ou simplesmente mulheres mais masculinas. Outras notícias deixam mais evidentes características semelhantes aos “estereótipos normativos” transmasculinos mais contemporâneos, ficando difícil não reconhecer nelas uma experiência de vida trans.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Denominar “homens trans” pessoas que viveram antes dessa denominação ser difundida na sociedade é um anacronismo, mas utilizamos este termo aqui para facilitar o entendimento.

<sup>5</sup> Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

<sup>6</sup> É possível que nunca saibamos se personagens históricos/as como “Joana Darc”e “Papiza Joana/Papa João” foram homens trans, mulheres cis hétero, lésbicas, não binárias ou intersexuais. Há coisas que se perdem, mas talvez existam registros históricos, literatura ou estudos a respeito do assunto que precisem ser analisados.



Em quase todos os textos jornalísticos da primeira metade do século XX, as pessoas trans eram retratadas de modo sensacionalista, com títulos chamativos intencionalmente escritos para atrair atenção ao polêmico acontecimento da “mudança de sexo”, ou do reconhecimento público da existência de “mulheres” que “se passavam por homens” ou “queriam viver como homens” (e vice-versa) na sociedade. As denominações “transexual”, “homem trans” ou “mulher trans” não existiam no Brasil, e as pessoas trans eram frequentemente denominadas nos jornais impressos como “homem-mulher”, “mulher-homem”, “homem que virou mulher” e “mulher que virou homem”.

Na Belo Horizonte de 1917, tornou-se público o caso anunciado como de “mudança de sexo” de David Pereira Soares, que havia sido criado como pertencente ao gênero feminino. Segundo o médico David Corrêa Rabello, que realizou o procedimento cirúrgico em David Soares, este possuía genitália ambígua, demonstrando tratar-se de um caso de intersexualidade<sup>7</sup>. David Soares ganhou muita visibilidade nos jornais Diário de Minas e Correio da Tarde, às vezes noticiado com comentários exotizantes em forma de deboche, com sarcasmo e duplo sentido, às vezes com um tom mais respeitoso (MORANDO, 2012).

Soares aparentemente conseguiu um documento de identificação oficial com seu novo nome David e manteve-se numa carreira profissional respeitada para a sociedade na época. A história de Soares inspirou a peça teatral criada pelo escritor maranhense Coelho Neto, *O patinho torto*. Já o médico David Rabello realizou outros procedimentos cirúrgicos em pessoas intersexuais nos anos seguintes, vários os quais também foram noticiados pela imprensa mineira (MORANDO, 2012).

Temos igualmente a narrativa sobre o jovem Arlete Lins Barros, sem nome social, de Maceió (AL), noticiado em março de 1938 pelo jornal A Noite:

Arlete quer andar livremente em trajes masculinos (...) e procurar ocupação própria do sexo forte.

(...)Vê-la de chapéu de palha, sapatos brancos, cabelos aparados à masculina, cigarros entre os dedos, paletó de ombreiras, gravata, é pensar mesmo seja homem.

---

<sup>7</sup> Intersexuais que foram designados mulheres ao nascer foram criados como meninas e posteriormente passaram a se identificar no gênero masculino; muitas vezes (antes do ativismo intersexual surgir no país), se identificam como pertencentes à comunidade de homens trans e sempre foram considerados pelo grupo como parte dele.



Arlete nunca usou roupas femininas, começando de muito pequena a usar pijama. Nunca brincou com bonecas. Gostava sempre de um cavalo de pau e brinquedos próprios para meninos.

(...) Fala de coisas sérias, comércio, esportes, trabalhos do campo, indústrias e sempre que se refere ao seu Estado, da falta de liberdade que tem de viver à sua custa, trabalhando para se manter e ainda ajudar a seus pais, demonstra certo desgosto de ter nascido mulher. (A NOITE, 1938)

Ainda em 1938, temos o caso do trans de apelido “Pilotinha” em Recife, noticiado pelo Jornal do Recife:

A menina que quer ser homem...

Além de pensar como qualquer rapaz de 16 anos, “Pilota”, como é mais conhecida, veste uniforme de homem; fuma e pratica todos os sports do sexo masculino

(...)

No Pina de Dentro, logarejo que fica a dois kilometros e meio do terminal da linha do bonde do Pina, existe uma mocinha de seus dezeseis annos, que desde a infancia tem vivido como homem, nos actos, idéas e principalmente no traje. Trata-se da menor Maria do Carmo Alves, apellidada “Pilota” ou “Pilotinha”, na intimidade.

#### INCLINAÇÃO PARA HOMEM

(...)

Contou-nos sua tia que a “menina” tem essa inclinação para homem, desde a mais tenra infancia e de uns annos para cá seus actos e gestos dão a perceber uma característica acentuadamente masculina. (JORNAL DO RECIFE, 1938)

Em 1952, foi noticiado de forma expressiva pelos jornais Folha de Minas, Diário de Minas e Estado de Minas o caso de Custódio de Jesus Correia, de Silvianópolis (MG). Pelas informações relatadas nestes jornais, também se tratou de um caso de intersexualidade como o de David Soares. Custódio foi a inspiração do cordel “*A mulher que virou homem no estado de Minas Gerais*”, do cordelista alagoano João Pauferro da Silva.





(CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR, 2020)

Descrição de imagem: a imagem mostra a capa de um cordel intitulado “A mulher que virou homem no Estado de Minas Gerais”. A capa mostra a imagem de uma pessoa usando saia e uma camisa de manga curta e segurando uma bolsa; a pessoa está de barba e tem cabelo curto e está segurando uma arma. A parte direita da capa mostra um trecho do cordel.

Em 1959, a revista O Cruzeiro publicou a respeito de Mário da Silva, de Itajaí (SC). Ele foi submetido a cirurgias, com detalhes não informados, pelo médico José Eliomar da Silva.

E Maura foi internada no moderno e bem instalado Hospital de Itajaí. Entrou de cabelos compridos, vestido estampado e sapatos altos. Submeteram-na a duas cuidadosas operações. Quando saiu, vestia calças compridas, camisa listrada, cabelos aparados e quando havia a apresentação a alguém, dizia:

– Muito prazer, Mário da Silva ao seu dispor. (SILVA, 1959)

De volta a 1952, o mineiro Edmundo de Oliveira foi alvo de matéria no jornal Diário da Tarde por se relacionar conjugalmente com uma mulher cis cujo ex-marido havia registrado uma denúncia na delegacia em função do pedido de separação de sua



até então esposa para viver “com outra mulher”. A “outra mulher” era o Edmundo, ainda conhecido como Feliciano Campos de Oliveira. Duas décadas depois, na ocasião do seu falecimento, médicos, ao examinarem o corpo, descobriram que aquele homem não tinha nascido no sexo biológico “masculino”. E, em 1981, foi também noticiada pelo jornal Diário da Tarde a reação de surpresa da sociedade sobre a identidade de Edmundo (MORANDO, 2016):

Edmundo de Oliveira, 67 anos, rondante de uma loja de venda de veículos (onde trabalhava desde junho de 1975), tivera um ataque cardíaco fulminante durante seu turno de trabalho. Levado ao hospital, não resistiu e faleceu. Não havendo mais o que fazer, seu corpo começou a ser preparado, provocando profunda surpresa entre os funcionários do hospital: era uma mulher. Dois dias depois, dois primos fizeram o reconhecimento do corpo de Edmundo como o de Feliciano. (MORANDO, 2016)

Na ficção, a obra *Grande Sertão: Veredas*, de 1956, do escritor João Guimarães Rosa, é narrada em primeira pessoa pelo personagem jagunço Riobaldo e inclui um personagem masculino, também jagunço, Diadorim, cujo sexo biológico feminino é revelado apenas no final do livro. Riobaldo possuía uma atração amorosa e romântica por Diadorim, mesmo sem saber de sua identidade (trans). No livro de Rosa, não há problematizações ou suspeitas sobre a identidade trans de Diadorim nem o que ele pensava sobre si mesmo (MOIRA, 2018).

E, em 1961, o músico paraibano Jackson do Pandeiro gravou em seu disco “*Ritmo, Melodia e a Personalidade de Jackson do Pandeiro*” a música “*A mulher que virou homem*”<sup>8</sup>, samba composto em parceria com Elias Soares (WIKIPEDIA, 2020). Nossa pesquisa não identificou o caso específico do qual a música teve inspiração, mas provavelmente deve-se a uma das notícias publicadas nos jornais brasileiros.

(...)

Minha mulher apesar de ter saúde

Foi pra Hollywood, fez uma operação

Agora veio com uma nova bossa

Uma voz grossa que nem um trovão

Quando eu pergunto: o que é isso, Joana?

Ela responde: você se engana

Eu era a Joana antes da operação

---

<sup>8</sup> Disponível no YouTube: <<https://www.youtube.com/watch?v=5hbRBR3bUds>>.



Mas de hoje em diante meu nome é João  
Não se confunda nem troque meu nome  
Fale comigo de homem pra homem  
(...) (DO PANDEIRO & SOARES, 1961)

As notícias nos jornais a respeito de homens trans ou transmasculinos, a existência de menções na literatura popular<sup>9</sup> ou clássica, na música e nos jornais foram muito pouco para que houvesse o reconhecimento da sociedade brasileira à existência dos homens trans. Inclusive, tenhamos consciência de que a maior parte do Brasil durante o século XX não era alfabetizada.

No entanto, homens trans existiram em todo o Brasil todo este tempo, mesmo sem se anunciarem trans, usarem testosterona ou feito cirurgias. É possível conversar com idosos hoje em dia e alguns deles falarão da existência de “pessoas do sexo feminino” que adotaram comportamento e aparência mais dentro do estereótipo do gênero masculino nas décadas passadas, muitas vezes sendo considerados como lésbicas muito masculinas. Na atualidade, existem homens trans idosos em todo o país que não passaram por esse processo de assunção social de uma identidade trans, nem foram capturados pela patologização psiquiátrica e não utilizaram tecnologias de modificação corporal. Às vezes esse deslocamento de gênero sem a anunciação de uma identidade trans ocorreu de forma pública, às vezes de forma secreta.

Como exemplo deste tipo de situação, temos o Lourival Bezerra de Sá, de Campo Grande (MS), que viveu como homem por mais de 40 anos, entre parentes e vizinhos que apenas descobriram que ele se tratava de um homem trans após sua morte, em outubro de 2018. O caso foi bastante noticiado na mídia, inclusive no programa televisivo Fantástico, da Rede Globo. O corpo de Lourival apenas foi sepultado meses após o óbito, quando, através de autorização da justiça, seus documentos foram oficializados com o nome masculino (MARTINELLI, 2019).

Em 1982, o jovem poeta Anderson Herzer, nascido no Paraná, mas residente em São Paulo – conhecido pelo apelido “Bigode” –, teve publicado o livro autobiográfico *A Queda para o Alto*. O livro traz vários poemas e um longo depoimento das várias faces da marginalidade à qual Herzer foi empurrado pela sociedade, entre assédios, orfandade,

---

<sup>9</sup> Também há outro cordel intitulado “A mulher que virou homem no sertão da Paraíba e casou-se”, de registros não encontrados por esta pesquisa.



abandono, maus tratos, alcoolismo, e a internação numa casa de detenção para menores infratores. Entretanto, menciona também coisas positivas, como a paixão pela poesia, seus primeiros amores, o respeito alcançado pelas pessoas de seu convívio e o apoio do então deputado estadual Eduardo Suplicy para sua reinserção na sociedade, como um jovem trabalhador.

Infelizmente, Bigode foi *suicidado* aos vinte anos pulando do viaduto 23 de maio em São Paulo em 1982, antes de *A queda para o alto* ser publicado, ficando clara para nós a motivação poética do título do livro. A sexualidade e o gênero dele, no entanto, não possuem papel central na obra. Há depoimentos breves, porém marcantes, bastante semelhantes às experiências vividas por vários transhomens:

De outro lado, sempre, desde a minha infância, eu tive jeito de menino, chegando inclusive, numa festa familiar, a ser confundido com um garoto. Dentro de mim tinha um grande desejo de ter nascido menino.

(...)

Acabou-se meu castigo, eu comecei a ser conhecido como um garoto, lá dentro; todas as meninas passaram a me tratar bem, a me ouvir e, muitas vezes, até a respeitar minhas decisões. (HERZER, 1982)

Dois anos depois, o carioca João W. Nery<sup>10</sup>, atualmente conhecido como o homem transexual brasileiro a ter passado por cirurgias e terapia hormonal há mais tempo, ainda na década de 1970, lança o livro *Erro de Pessoa: Joana ou João?*, também autobiográfico. Ao contrário de Bigode, o livro do João é centrado em suas vivências íntimas de gênero. Ele leva o leitor para dentro de seu mundo expondo com detalhes cada etapa da vida de um homem transexual daquele tempo: viver uma vida dupla com uma identidade de “mulher” e outra de “homem”, a rejeição e posterior aceitação de seus familiares, seus casamentos, a “criação clandestina” de um registro civil com seu nome masculino e as consequentes perdas de seu histórico escolar e suas profissões de psicólogo e professor universitário (NERY, 1984).

Após descobrir a possibilidade da realização de cirurgias transexualizadoras, João batalhou anos para realizá-las. Procurou psicólogos e psiquiatras que pudessem lhe fornecer um laudo com o diagnóstico de “transexualismo”, endocrinologistas para fazer uso da testosterona – quando isso ainda era bastante experimental –, e cirurgiões que

---

<sup>10</sup> “João W. Nery” foi um pseudônimo criado pelo escritor, que acabou adotando a identidade pública de “João Nery”, apesar de ter possuído outro nome masculino em seus documentos.



pudessem lhe operar quando estas cirurgias ainda eram consideradas ilegais no Brasil (NERY, 1984).

Em 2011, depois de incluídos os acontecimentos posteriores a 1984 da vida do João W. Nery – inclusive a experiência da paternidade –, o livro *Erro de Pessoa* foi reeditado e lançado sob o título *Viagem Solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois* (NERY, 2011). A maior parte da vida do João é um “caso clássico” de transexualidade vivida na ótica da heterocisnormatividade. Mas o João mudou bastante desde antes da publicação do seu segundo livro, provavelmente em função do contato com as teorias de gênero e o diálogo com outros trans ativistas, pessoas trans e acadêmicos. O que veio de muito bom com essa republicação de seu livro foi uma grande visibilidade trazida aos homens trans, pois o João passou a aparecer muito na televisão, nas universidades e na internet. Depois de mais de trinta anos ocultando sua identidade de todos (até de seu filho), João “saiu do armário” para lutar pelos direitos dos homens trans, num contexto social totalmente diferente de 1984.

Ele viajou quase o Brasil inteiro fazendo o lançamento de seu livro e realizando palestras. Chegou a ser homenageado pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) como doutor *honoris causa* (UFMT, 2018) e recebeu postumamente uma carteira profissional do sistema de Conselhos de Psicologia, entregue à sua viúva no Rio de Janeiro (CFP, 2020). E foi homenageado tendo seu nome dado ao ambulatório de atendimento à saúde trans de Niterói (RJ). João Nery somente parou de lutar pela visibilidade trans e sensibilização da sociedade ao ser acometido de um câncer de pulmão, que causou seu falecimento em 2018.

No início dos anos 2010, não era fácil listar características comuns entre os homens trans além do desejo da mastectomia e do uso da testosterona. As pessoas não sabiam que nós existíamos, nem mesmo as mulheres trans e travestis, muitas vezes nem as próprias ativistas. A sociabilidade entre nós mesmos era tão rara que conseguir reunir um número de três homens trans era algo que só conseguíamos uma vez ao ano. Não conhecíamos nem uns aos outros. Não havia repertório simbólico para explicar ou expressar nossa subjetividade. Muitos de nós vivíamos sufocados e éramos completamente invisíveis.

Naquele momento histórico e cultural, ser homem trans, em geral, não era visto como uma coisa positiva pelos próprios homens trans. Muitos tinham constrangimento



em ter que explicar que eram transexuais (alguns diziam que eram intersexuais sem serem de fato), tinham vergonha por não terem nascido com um pênis, e não sentiam orgulho de ser trans em função da transexualidade ainda ser considerada uma doença mental e naquela época não existirem discursos de resistência em contraposição a essa patologização psiquiátrica.

A denominação mais comum alcançada por certa classe média de homens trans que tinham acesso à internet, pesquisas científicas e médicos era o “FTM”, sigla da expressão em inglês “*female-to-male*”, que significa “transexual de fêmea para macho”. “FTM” era utilizado em sites voltados para o público trans na Europa, nas Américas e na Ásia. Entretanto, “FTM” é uma expressão que não agrada ao politicamente correto da desconstrução da cisnormatividade. No Brasil, com o tempo, a denominação FTM caiu em desuso e passaram a prevalecer em nossa linguagem as denominações “homem trans/transsexual” ou “transhomem”.

A maior parte das informações na internet sobre homens trans estava em inglês, muita coisa dos EUA, Canadá, Europa, Austrália, mas também havia sites (e ativismo) em espanhol de países da América Latina como México, Chile, Argentina e Colômbia. Até hoje utilizamos as palavras em inglês “*packer*” (objeto para fazer volume na região genital) e “*binder*” (colete compressor para ocultar as mamas), herança da “cultura FTM” importada do exterior. Em nosso país, na internet aos poucos fomos criando blogs, sites e fóruns. Havia informações produzidas por homens trans nos blogs Transhomem Brasil<sup>11</sup> e FTM Brasil, no site também de nome FTM Brasil<sup>12</sup>, num grupo de e-mails do Yahoo (FTM Brasil) e algumas comunidades no Orkut<sup>13</sup> de homens e mulheres transexuais (“Disforia de Gênero”, “F64.0” e “Transexuais MTF e FTM”). No Orkut e no Facebook, foram criados por nós grupos exclusivos de homens trans. No Facebook, o primeiro e principal grupo foi criado por Vincent Masaki (MG) e Pietro Augusto (PR).

A internet naquele momento foi a principal plataforma para troca de experiências e informações, serviu como ferramenta de sociabilização dos homens trans, empoderamento, criação de redes de apoio e sensibilização da sociedade cisgênera. Estes espaços virtuais serviam para suprir a demanda de informações sobre cirurgias,

---

<sup>11</sup> O autor do blog era do Rio de Janeiro e se identificava com o nome de Gabriel.

<sup>12</sup> O autor do site era um homem trans brasileiro que vivia no exterior.

<sup>13</sup> Rede social mais comum utilizada no Brasil na década de 2000, anterior ao Facebook.



uso de testosterona e de tecnologias para ocultar as mamas, técnicas para criar um volume na região genital, urinar em pé, uso e compra de próteses penianas, o contato e endereço dos poucos serviços de saúde ou advogados que atendiam transexuais, além de compartilhar fotos de mudanças físicas decorrentes da terapia hormonal e das cirurgias realizadas.

Logo após o surgimento dos grupos virtuais exclusivos de homens trans, houve um período de estranhamento. As conversas dos homens trans giravam apenas em torno de testosterona, *pack*, *binder* e mastectomia. Quase nenhum dos homens trans falava de suas relações sociais precárias ou das situações em que sofriam preconceito, e alguns não se identificavam com narrativas daquela época nos espaços virtuais. Isso mudou com o tempo. Após o surgimento do movimento transmasculino organizado, ainda que pequeno, aos poucos os assuntos da internet tornaram-se mais politizados. Nery & Maranhão Filho (2013) relatam com mais detalhes os conteúdos nas discussões virtuais e escritas dos homens trans.

Havia alguns documentários produzidos sobre homens trans que naquela época eram os únicos registros audiovisuais com depoimentos nossos. Alguns dos primeiros foram “*O corpo conforme*” (Andreas Maurício Boschetti/SP, Lukas Berredo/emigrante e Laurent Lampert), “*Eu sou homem*” (Alexandre Peixe/SP, Régis Vascon/SP e Nei/SP), “*Entre lugares: a invisibilidade do homem trans*” (com Leonardo Tenório/PE e Luciano Palhano/PE), “*Eu te desafio a me amar*” (Marcelo Caetano/DF), “*Olhe para mim de novo*” (Sillvyo Lucio/CE). Depois, diversos outros documentários foram produzidos. Leo Moreira Sá (SP) fazia um trabalho dentro do teatro problematizando questões de gênero e visibilizando sua transmasculinidade através da peça Lou & Léo, que viajou vários estados.

Nos espaços acadêmicos, o primeiro artigo sobre homens trans no Brasil foi publicado pelo homem trans, professor e assistente social carioca Guilherme Almeida (ALMEIDA, 2012). Podemos destacar, além do Guilherme Almeida, o André Lucas Guerreiro (PR), Edu Cavadinha (DF), Benjamin Neves (RJ), Leonardo Peçanha (RJ), Victor Augusto (MG) e Leonardo Tenório (PE) como homens trans pensando as transmasculinidades dentro da ciência no início dos anos 2010. Muitos outros homens trans e transmasculinos foram surgindo na esfera da produção de conhecimento ao longo dos últimos anos, número que continua a se atualizar.



Além dos textos, sites e blogs, grande parte da popularização das histórias de vida dos homens trans é devida aos videologs de homens trans no YouTube, fenômeno que ocorreu no mundo todo. Fora do Brasil, a quantidade de vídeos produzidos por homens trans sempre foi muito maior. Para trazermos mais detalhes e informações precisas sobre o impacto e conteúdo dos videologs, seria necessária uma pesquisa maior. O pesquisador e professor trans Benjamin Neves (2015), em sua dissertação, exemplifica como estas produções audiovisuais no YouTube funcionam como uma potente ferramenta de apoio entre os próprios pares, a partir do contato com o até então youtuber Victor Summers (BA), que inclusive teve um canal também com Miguel Marques (BA).

Neste ponto, podemos destacar que a estratégia dos homens trans de assumirem a liderança na produção de discursos sobre si mesmos, se colocarem no lugar de formadores de opinião sobre a identidade social dos homens trans foi bastante eficiente. Isto foi um catalizador da geração de empatia e alteridade para nossas questões psíquicas e sociais.

Em concordância quase total com Simone Ávila (2014), Rafaela Freitas (2014) e Benjamin Neves (2015), podemos afirmar que o processo de emergência de nosso segmento populacional no Brasil deu-se por vários fatores e de forma multicêntrica:

- A construção histórica de trinta anos de movimento LGBT no Brasil e a criação e execução de políticas públicas voltadas para a inclusão social da população LGBT nas três esferas de poder em grande parte nos governos de partidos políticos que se denominavam de esquerda;
- A liberação e regulamentação de cirurgias em transexuais pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) através da Resolução nº 1.632/1997. E a posterior liberação das cirurgias de mastectomia e hysterectomia em homens transexuais do caráter experimental através da Resolução nº 1955/2010 do CFM;
- A criação do Processo Transexualizador em 2008, fazendo com que as equipes credenciadas viabilizassem um espaço de convergência social de homens trans uns com os outros e com as mulheres trans e travestis;
- A publicação e visibilidade midiática da autobiografia de João W. Nery, o livro “*Viagem Solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois*”;





- A produção de notícias jornalísticas (jornais impressos, revistas, sites de notícias) e no audiovisual (jornalismo televisivo, séries, filmes e documentários) que foram dando visibilidade cada vez mais à nossa população;
- A popularização da internet que ocorreu no final da década 2000 e início da década 2010 serviu como ponte para contatar os homens trans de todo o país, proporcionando a organização de sites, blogs, fóruns, videologs, páginas, grupos e comunidades de homens trans.
- O crescimento dos estudos e pesquisas no campo de gênero e sexualidade (mais nas ciências humanas e nas ciências da saúde) que passaram a voltar-se fortemente às pessoas trans; junto com o apoio dado ao movimento e população trans pelos pesquisadores, professores e alunos, na construção do nosso lugar de fala e pesquisas sobre nossas vulnerabilidades, políticas públicas e legislação.
- A emergência de um movimento social de homens trans organizado após a II Conferência Nacional de Políticas Públicas de Promoção da Cidadania LGBT em 2011, a criação da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT) e a posterior criação do Instituto Brasileiro de Transmasculinidade (Ibrat).

Mais detalhes sobre o surgimento de um movimento social de homens trans e transmasculines no Brasil foi narrado por Palhano & Tenório (2021) em outra publicação.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, Guilherme Silva de (2012). *'Homens trans': Novos matizes na aquarela das masculinidades?* Estudos Feministas, 20 (2): pp. 513-523.

A NOITE. *Quer Licença Para Ser Homem!* Jornal A Noite, Maceió (AL), 20 de março de 1938, p. 14. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 23 ago. 2020.

ÁVILA, Simone Nunes. (2014) *FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo*. 243p. Tese (Doutorado)



– Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BENJAMIN, Harry. *The transsexual Phenomenon*. Nova York (EUA): The Julian Press, Inc. Publishers, 1966.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR, 2020. *C2500 a C2999\C2793 - A Mulher Que Virou Homem No Estado De Minas Gerais*. Disponível em: <[http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura\\_de\\_Cordel\\_C0001\\_a\\_C7176](http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel_C0001_a_C7176)>. Acesso em 23 ago. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *CFP participa de evento do CRP-RJ em memória a João W. Nery, psicólogo e ativista trans*. 28 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/cfp-participa-de-evento-do-crp-rj-em-memoria-a-joao-w-nery-psicologo-e-ativista-trans/>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

DO PANDEIRO, Jackson; SOARES, Elias. *A mulher que virou homem*. Intérprete: Jackson do Pandeiro. Compositores: Jackson do Pandeiro e Elias Soares. Álbum: Ritmo, Melodia e a Personalidade de Jackson do Pandeiro. Gravadora Philips, 1961.

FREITAS, Rafaela Vasconcelos (2014) *Homens com T maiúsculo. Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet*. 121p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

HERZER, Anderson. *A queda para o alto*. Petrópolis: Vozes, 1982.

JORNAL DO RECIFE. *A menina que quer ser homem...* Jornal do Recife, Recife (PE), 5 de janeiro de 1938, nº 134, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em 23 ago. 2020.

MARTINELLI, Andréa. *Juiz determina que Lourival Bezerra seja enterrado com identidade masculina*. Huffpost, 13 de março de 2019. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/entry/lourival-justica-enterro-homem\\_br\\_5c89667ce4b038892f4a0424](https://www.huffpostbrasil.com/entry/lourival-justica-enterro-homem_br_5c89667ce4b038892f4a0424)>. Acesso em: 24 ago. 2020.

Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/-lourival-viveu-como-homem-e-assim-deve-ser-identificado-diz-pesquisador>>.



MOIRA, Amara. *Monstruoso corpo de delito: personagens transexuais na literatura brasileira*. Suplemento Pernambuco, 10 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2198-monstruoso-corpo-de-delito-personagens-transexuais-na-literatura-brasileira.html>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

MORANDO, Luiz (2012). “*Miloca que virou David*”: *intersexualidade em Belo Horizonte (1917-1939)*. Bagoas, n. 08: pp. 147-169.

MORANDO, Luiz (Luiz Morando). *Post no Facebook*. Belo Horizonte: 14 de julho de 2016. Disponível em: [www.facebook.com/luiz.morando/posts/574118336127139](http://www.facebook.com/luiz.morando/posts/574118336127139) Acesso em: 22 ago. 2020.

NERY, João; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências*. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. História Agora, v. 16, nº 2, p. 139-165, Dossiê (In)Visibilidade Trans 2, São Paulo, 2013.

NERY, João; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Transhomens no ciberespaço II: biopolíticas nos transhomens*. Revista História Agora, v. 16, nº 2, Dossiê (In)Visibilidade Trans 2, São Paulo, 2013.

NERY, João W. *Erro de pessoa: Joana ou João?* Rio de Janeiro: Record, 1984.

NERY, João W. *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*. Rio de Janeiro: Leya, 2011.

NEVES, Benjamin Braga de Almeida (2015) *Transmasculinidades e o Cuidado em Saúde: Desafios e Impasses por Vidas Não-Fascistas*. 132 p. Dissertação (Mestrado em Clínica Médica) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PALHANO, Luciano (Luck Yemonja Banke); TENÓRIO, Leonardo Farias Pessoa. *Transmasculinidades no Brasil: memórias de um movimento da invisibilidade à luta*. In: Instituto Internacional sobre Raça, Igualdade e Direitos Humanos; Revista Estudos Transviades. *A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil: das invisibilidades às demandas*. Orgs.: Bruno Pfeil e Kaio Lemos. Rio de Janeiro: Instituto Internacional sobre Raça, Igualdade e Direitos Humanos, 2021.



SILVA, Arlindo. *Maura Maria virou Mário*. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1959, nº 16, pp. 65-67.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO. Conselho Universitário. *Resolução nº 17/2018, de 22 de agosto de 2018. Aprova a outorga do título de Doutor Honoris Causa a João Walter Nery*. Cuiabá: Conselho Universitário, 2018. Disponível em: <<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/FrmConsultarResolucao.aspx>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

WIKIPEDIA, 2020. *Ritmo, Melodia e a Personalidade de Jackson do Pandeiro*. Link: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ritmo,\\_Melodia\\_e\\_a\\_Personalidade\\_de\\_Jackson\\_do\\_Pandeiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ritmo,_Melodia_e_a_Personalidade_de_Jackson_do_Pandeiro)>. Acesso em: 20 ago. 2020.



Arte de Nenio



Descrição de imagem: a imagem mostra cinco pessoas transmasculinas, da cintura pra cima, de frente e acima da frase “Transmasculinidades (r)existem!”. Da esquerda para a direita, a primeira pessoa possui cabelo curto e usa binder; a segunda possui cabelo curto, barba e seios e usa um brinco na orelha esquerda; a terceira possui cabelo mais comprido e é mastectomizada; a quarta possui cabelo bem comprido e seios e um cavanhaque; e a quinta possui cabelo no meio da cabeça e na nuca do lado direito e possui seios e usa brincos nas duas orelhas.

## BIOS



**FELIPE DE PAULA:** Professor. Dou aula de português e literaturas, faço mediação, toco escaleta e escrevo; todas essas coisas, amadoramente.

**ERIK NEUBURGUER:** Desde 1987 habita essa ficção chamada realidade. Entusiasta da filosofia e da teoria queer, encontrou na escrita uma forma de inventar a si mesmo.



**DANILLO PIETRO CRAVEIRO:** Em minhas obras tento repassar o meu amor pelo axé, através dos orixás. Retrato também a transgeneridade, referente à sereia que em sua calda carrega as cores da bandeira trans e que foi inspirada em uma mulher travesti, artista, atriz e maravilhosa. E também retrato a importância de alguém que apoia a minha transição desde sempre e é muito importante pra mim que é a minha mãe, que me adotou com 19 anos e me apoiou desde então, estando comigo em todos os momentos.



**RAFA ROFO:** artista plástico/pintor contemporâneo  
expressionista trans curitibano.



**LYAN AYAM:** Olá gente, sou LYAN AYAM, Trans Não-Binarie. Pessoa sempre em processos caóticos e mente sempre fervilhando. A cada vez que tenho oportunidade e consigo escrever pra essa revista que admiro surge uma nova bio minha. Sou Assistente Social de formação, desempregade por estruturação CISTêmica do kapital mas correndo atrás. Artista em formação. Nas redes, mais conhece como @wanda.lize, as vezes me exponho e passo vergonha e as vezes faço pequenas reflexões cotidianas. Bora trocar essa ideia?



**LEONARDO TENÓRIO:** Recifense, 32 anos,  
transmasculino, branco latino, ex-trabalhador sexual,  
pesquisador independente.





**RENÉ YURI LEMOS:** biólogo frustrado vivenciando sua transmasculinidade nesse mundo fronteiriço a níveis moleculares. pedala sua bike, ouvindo músicas sujas, a procura de alguma coisa ainda que nada. atualmente trabalha como perfurador corporal, cozinheiro veg, tosador de bumbuns caninos, e mesmo assim está sem nenhum trocado no bolso.  
@\_rylms

**BLUE MARIRO:** Blue Mariro é nordestino-nômade, habitante de um lar sem muros. Licenciado (2016) e mestre (2019) em Geografia pela UFG. Graduando do curso de Ciências da Religião e Teologia pela UNINTER. Atua como cartomante, escritor e pesquisador independente de religião. Promovendo formações, cursos e palestras através da iniciativa Cosmogonia Transviada



**SE SUZUKI:** Artista visual em formação pelo Instituto de Artes da UNESP. Fez cursos de desenho e de arte digital. Trabalha principalmente com desenho e pintura tradicionais e digitais e busca explorar outras linguagens como a escultura. É um homem trans e procura representar corpos trans em sua arte. Instagram: @artese\_mcontexto





**MIKAEL SOL:** pessoa não binária (ele/dele), pansexual, não mono, nascido em 1985, no interior de São Paulo, onde iniciou seus estudos de desenho e pintura. Atualmente reside em Florianópolis/SC, onde, desde 2020, têm trabalhado em retratos com influências da Pop Art e do modernismo brasileiro. @mikasolart



**NENIO:** é multiartista

periférico, transmasculino não binário, kuir punk, autônomo e autodidata. Cursa formação em yoga e realiza atendimentos de reiki. É malabarista, escreve poesia, cria artes gráficas com técnicas como desenho, stencil e serigrafia. Sua arte atua como ferramenta de visibilidade e resistência interagindo com a espiritualidade, transfeminismo, libertação animal e as lutas de comunidades vulnerabilizadas e marginalizadas pela sociedade. Instagram: @nnnenuuu



**PETER MILANEZ:** Homem trans, formado em Letras, professor, escritor, poeta, ilustrador e pintor. Escreve e ilustra desde os 13 anos de idade e, na vida adulta, encontrou na produção acadêmica mais uma paixão e uma oportunidade de dar voz a quem precisa ser ouvido. De origem periférica, se define como multiartista e busca dar voz às diversas vivências transmasculinas e periféricas em suas obras. Define as transmasculinidades como um universo infinito de

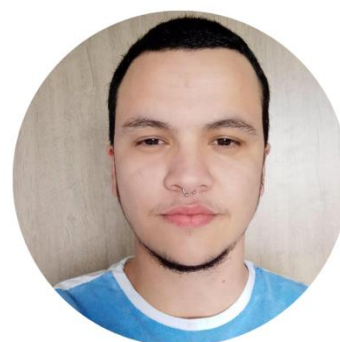


possibilidades, impossível de ser definido ou reduzido a uma só caixinha.



**DANTE LÍRIO POLLI MIGLIACCIO:** natural de São Paulo capital, sou transmasculino e num momento em que a transgeneridade era maluquice para as pessoas à minha volta criei com caneta e papel uma forma de me entender e validar. Agradeço aos leitores por compartilharem das minhas ideias materializadas.

**BERNARDO GUTERRES:** Sou artista, ilustrador, designer gráfico e futuro prof. de História. Transmasculino, bissexual, 30 anos. Santa Maria/RS.



**SALEM:** Persona no binaria transmasculina de 21 años. Profesor de artes en formación, educador anarquista. Habita en un cerro de Valparaíso, Chile. Actualmente está explorando el collage digital, la fotografía y la pintura con papel crepé a la par que dicta talleres de pedagogías anarquistas y queer y realiza investigaciones sobre ello.



**NICOLAS BASTOS:** nasceu em 2002, no estado do Ceará onde hoje ainda reside, é autor dos livros “Café Amargo” e "Todos os verbos não conjugados" publicados em 2020 e 2021, além de ser poeta e compositor, também é homem trans, bissexual, um leitor ávido, e amante da fotografia e do cinema. Mas antes de tudo isso, um pai de gatos em tempo integral.



**JULIAN ANGARDI:** 28 anos, Formado em História pela Universidade Veiga de Almeida, estudante de Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida. É professor de História.

**JAMIE KALIL:** Me chamo Jamie, tenho 21 anos, sou ativista preto, LGBTQIA+, e pelos direitos estudantis. Sou estudante de Humanidades pela UNILAB-CE e traço nos meus estudos as discussões de gênero, raça e sua interseccionalidade na nossa sociedade, e



como enfrentar e traçar estratégias de ultrapassar essas problemáticas.



**ROSA CALDEIRA:** Rosa Caldeira (@orosacaldeira) é diretor e roteirista na produtora de audiovisual comunitário Maloka Filmes. Cineasta trans e militante, sempre juntando ideias para atuar com cultura TLGB e periferia. Seu último curta-metragem, Perifericu (@perifericu), recebeu mais de 30 prêmios e foi exibido em mais de 200 festivais. É formado em sociologia e estuda na Escuela Internacional de Cine y TV en Cuba. É idealizador do Festival

Perifericu (@festivalperifericu), festival de cinema e cultura de quebrada. Busca junto aos seus um olhar sobre a imagem de experiências transviadas faveladas em primeira pessoa.

**CHRISTOPHER SANTANA:** 21 anos, Homem Trans, homossexual, cursando Produção Audiovisual, com o objetivo de me tornar roteirista e Romancista. Faço trabalho voluntário como Redator na plataforma de saúde Lacrei, destinada ao público LGBT. A Revista Estudos Transviades foi onde tive meu primeiro texto publicado "A (in)existência dos homens trans na nossa sociedade" na edição anterior.





**SAMUEL BITTAR:** Para as instituições corpóreas: estudante de psicologia e filosofia, membro da coordenação da ABRAPSO núcleo baixada santista e membro do Centro Acadêmico C.E.C.C.S. (Psicologia-UNISANTOS). Criador de conteúdo antiproibicionista, socialista libertário e filosófico no canal do YouTube “Biinab”.

Para corpos em movimento: anarquista especificista 013, escuta músicas pop dos anos 80, grunge e ecleticidades brasileiras na mesma playlist, e dedicado maçoneiro. De-nominado esquisito, depressivo-ansioso, transgênero e introvertido. Automeado apaixonado pela transdisciplinarietà, pela estética da existência e por este mundo fascinantemente horrível.

(Talvez esta descrição esteja um dia desatualizada. Espero.)